

**Anexos**

**UNIVERSIDADE ABERTA**



UNIVERSIDADE  
**AbERTA**  
[www.uab.pt](http://www.uab.pt)

**CONTEXTO E CONDICIONANTES PARA USO E REUTILIZAÇÃO  
DE RECURSOS EDUCACIONAIS ABERTOS**

**Isabelle dos Anjos Martins Fernandes**

**Doutoramento em Educação**

**Especialidade em Educação a Distância e Elearning**

**2018**



## Lista dos anexos

Anexo A: Questionário inicial

Anexo B: Questionário final

Anexo c: Artigos dos estudantes 1314

Anexo D: Endereços electrónicos para os artigos 1415

Anexo E: Fotos das primeiras páginas das wikis 1314 e 1415

Anexo F: Fotos das primeiras páginas dos artigos 1314 e 1415

## **ANEXO A**

## Questionário inicial

1. Costuma elaborar textos em coautoria? Quais as principais dificuldades que encontra em elaborar textos em coautoria? Como você avalia a qualidade de um texto elaborado em coautoria?
2. Acha que escrever um texto em coautoria é similar a outros trabalhos em grupo?
3. Já alguma vez publicou materiais ou documentos em repositórios, portais públicos ou ferramentas de autoria colaborativa (ex: wikipedia)? Em que situações? É capaz de dar um exemplo?
4. Já alguma vez lhe aconteceu copiar ou plagiar um trabalho? Já alguma vez lhe aconteceu ter um trabalho seu copiado ou plagiado? Já alguma vez tomou conhecimento de situações de cópia ou plágio por parte de colegas seus? Como reagiu a essas situações?
5. Considera que por vezes pode ser legítimo e justificável aproveitar trabalho realizado por outras pessoas? Em que situações? É capaz de dar um exemplo?
6. Quando utiliza materiais e documentos de outros autores sempre cita a(s) fonte(s)?
7. Costuma usar fotocópias ou digitalizar livros com direitos de autor? Em que situações? É capaz de dar um exemplo?
8. Conhece as implicações legais do plágio e da pirataria?
9. Conhece as licenças Creative Commons? O que acha que é necessário para que possamos utilizar materiais com direitos de autor?
10. Já lhe aconteceu ter de avaliar trabalhos académicos de colegas ou ao contrário ter sido avaliado por colegas seus? Como se sentiu nessa situação de avaliador e avaliado?
11. Acha que avaliar trabalhos académicos de colegas pode ser uma situação de aprendizagem relevante tanto para você como para o autor?
12. Concorde em disponibilizar trabalhos académicos para avaliação por colegas?
13. Costuma utilizar materiais e documentos disponíveis na internet para realizar suas atividades pessoais e profissionais? Em que situações? É capaz de dar um exemplo?
14. Costuma utilizar materiais e documentos de licença aberta? Em que situações? É capaz de dar um exemplo?

15. Quando necessita de imagens, vídeos e áudios em que locais pesquisa?
16. Já lhe aconteceu modificar materiais e documentos disponíveis na internet adaptando-os às suas necessidades pessoais e profissionais? Em que situações? É capaz de dar um exemplo?
17. Qual é a importância do contexto e da cultura na reutilização de materiais e documentos de outros autores? Considera que o idioma é uma limitação na pesquisa e reutilização de materiais e documentos de livre acesso?
18. Qual é a credibilidade que atribui a materiais e documentos disponíveis para livre uso e readaptação? Que indicadores utiliza para avaliar essa credibilidade?
19. Qual é a credibilidade que atribui a materiais e documentos disponíveis em repositórios, portais públicos ou ferramentas de autoria colaborativa como a Wikipedia?

## **ANEXO B**

## **Questionário Final**

### **I) EXPERIÊNCIA**

1) Como avalia a experiência de produção de conteúdos a partir de materiais já produzidos por estudantes de anos anteriores?

2) Sentiu-se à vontade para fazer alterações no material já existente ou sentiu constrangimentos e inibições em relação a isso? Acredita que teria sido mais fácil ter realizado o trabalho a partir da obra original?

3) Pensa realmente que os trabalhos produzidos agora (wiki e artigo) melhoraram os trabalhos produzidos anteriormente?

4) Mesmo que tenha sido problemático trabalhar com materiais já produzidos por outros, acha que analisar o que já existia constitui uma ajuda? Ou realmente preferia começar tudo de novo? Caso tenha constituído uma ajuda, é capaz de explicitar em que se traduziu essa ajuda?

5) Sente que o material agora produzido (wiki e artigo) pode ser tornado público e que poderá ser útil para outras pessoas/estudantes?

6) O que pensa sobre ter uma produção (wiki e artigo) disponível na Internet para o público em geral?

7) Encontrou dificuldades em elaborar textos em coautoria? Preferia ter trabalho em grupo ou individualmente?

### **II) RECURSOS EDUCACIONAIS ABERTOS**

8) A percepção sobre Recursos Educacionais Abertos (REA) que tem agora é muito diferente da percepção que tinha no início do semestre? Em que aspectos?

9) Avaliando nesse momento os trabalhos que realizaram (wiki e artigo) considera que podem ser classificados como REA? Por quê?

10) Produzir um REA implica provavelmente ter em conta que se está a trabalhar para uma audiência/público externa à atividade letiva do curso. Teve sempre em mente essa dimensão pública ou algumas vezes ficou mais restrito ao contexto particular de desenvolvimento da atividade?

11) Produzir um REA implica alguns cuidados particulares no manuseio e referência às fontes. Esses cuidados tornam o processo de trabalho muito diferente do que costuma ser realizado em contextos acadêmicos restritos às unidades curriculares? Por quê?

12) Agora que já tornou público dois REA, como se sente frente à hipótese desses REA serem reutilizados por outras pessoas?

13) Como avalia a possibilidade de produzir novos REA?

14) Considera que o trabalho agora disponibilizado (wiki e artigo) pode ser credível para futura reutilização por outras pessoas? Confiaria nesses materiais para utilização com seus estudantes ou formandos?

15) Se tivesse que explicar à alguém a diferença entre cópia, plágio e reutilização de materiais com licenciamento aberto o que diria?

### **III) Organização didático-metodológica da UC**

16) Como avalia a lista de critérios de avaliação para “Análise da Produção de Pares” disponibilizada para estudar os trabalhos do ano anterior?

17) O módulo introdutório sobre Práticas Educacionais Abertas (recurso hipertextual e atividade fórum) ajudou a compreender os objetivos e os procedimentos utilizados nessa UC?

18) Sentiu alguma estranheza quanto à proposta pedagógica no início? E agora a avalia de modo diferente se comparado ao início?

19) Do conjunto dessa experiência quais foram os aspectos mais positivos e quais os mais negativos?

20) Quais as recomendações que daria para outras pessoas que fizessem o mesmo tipo de trabalho?

## **ANEXO C**

# Artigos dos estudantes 1314

## Artigo grupo 1 1314

### Capítulo 1 - Atenção e Multitarefa na Rede

#### Parte I – Análise Psicológica

##### Ideia de partida do autor no capítulo

Rheingold encontra em Maryanne Wolf, Proust e Polvo (2007) o ponto de partida do capítulo. Estes afirmam que o cérebro tem inúmeras capacidades que se ajustam às necessidades impostas pela era digital, nomeadamente a capacidade de integração de informação e a capacidade de trabalhar de modo multifuncional e multimodal.

##### Tornar a Atenção Consciente – uma experiência com os alunos

Recorrendo-se do contexto de sala de aula, Rheingold pediu aos seus alunos que desligassem os computadores e os telemóveis e fechassem os olhos e, neste cenário, pediu-lhes que verificassem como a sua atenção era dirigida para diferentes pensamentos, sem qualquer esforço, ou seja, sem haver a necessidade de qualquer estímulo externo.

“Note how you don’t have to work to make your mind wander. It does that all on its own” (Rheingold, p36).

Em 2005, quando o Facebook se difundiu na maioria das universidades, os alunos passaram a fixar a sua atenção nos computadores, mesmo em sala de aula. Surpreso com esta mudança autor observou alguns alunos para tentar compreender o que estes faziam nos seus computadores, filmou-os e chegou mesmo a questioná-los diretamente. Neste sentido, verificou que a atenção dos alunos mudou e ultrapassou os limites físicos das universidades. As pessoas passaram a ficar constantemente disponíveis, assim como a informação, através nos novos meios de comunicação, e apenas algumas conseguem utilizar de forma ubíqua e produtiva essa informação.

“All people and media are available all time, and in all places, but relatively few people appear to use ubiquitous informational access and social connectivity politely and productively.” (p.36)

Consciente que não iria mudar os hábitos dos seus alunos em apenas um semestre o autor procurou transmitir-lhe a seguinte ideia: “You can learn to be aware of how you shift your attention when your phone buzzes or your laptop screen beckons” (p.36). Antes de qualquer outra ação o autor considera que os alunos devem ter consciência que a utilização das novas tecnologias interfere na sua atenção a desviando.

Dando continuidade à experiência com os seus alunos, em cada semana introduziu uma nova prova de atenção, reforçando sempre que o objetivo era conseguir que cada um prestasse atenção à maneira como presta a sua atenção. Chegou mesmo a filmar a sala de aula, tendo obtido um registo que o deixou bastante curioso. Sabia que os alunos

durante as aulas navegavam na internet mas a questão principal não era essa. Na realidade, ficou surpreso com a facilidade com que um dos seus alunos, um dos mais atentos, visitou o seu site pessoal e consultou o seu e-mail, aplicando tarefas cognitivas. E tinha a certeza que se naquele momento lhe tivesse colocado questões sobre o que estava a ser trabalhado na aula ele saberia responder. Seria sobredotado? Teria uma capacidade acima da média para conseguir prestar atenção a situações tão diferentes ao mesmo tempo? Seria possível alargar aos restantes alunos estas capacidades?

### **O conceito de Multitasking - a perspetiva de Nass**

Face à experiência com os alunos, resolveu partilhar as suas preocupações, reflexões com um psicólogo da Universidade de Standford, Clifford Nass, reconhecido por um estudo que revelou que os alunos apresentavam performances piores em atividades individuais do que quando confrontados com multitarefas ou atividades simultâneas. É neste contexto, que o autor fala pela primeira vez no conceito de multitasking, cuja questão principal está na mudança rápida entre tarefas e não na sua realização em paralelo, o que representa um grande desafio mental.

“The most important thing I learned from Nass about mediated attention is that most media multitasking is actually task switching rapidly, not parallel processing, and this switching is more mentally costly than anybody thinks.” (p.37)

Algumas abordagens ou análises ao trabalho de Nass revelaram a Rheingold que a multitarefa não funciona, não é uma boa prática e que as pessoas apenas o fazem porque acham que assim conseguem fazer muito mais.

Ainda nesta linha de pensamento o autor analisa uma experiência, realizada na Universidade de Utah, que revelou que os alunos tinham um desempenho bom quando falam ao telemóvel ao mesmo tempo que conduziam num simulador. Em qualquer uma destas situações não se sabe se efetivamente os alunos são melhores a realizar múltiplas tarefas ou se conseguiram alguma espécie de truque para conquistarem excelentes resultados.

Treinar a Atenção através do Controlo Executivo (atenção, memória e controlo executivo, metacognição)

O autor refere ainda o exemplo da aviação, que o impulsionou a pesquisar sobre o treino da atenção. Na avaliação os pilotos de guerra são altamente treinados para focar os alvos sem deixarem de prestar atenção ao que os rodeia. Estes revelam um controle cognitivo superior. Partindo deste facto, e de outras pesquisas realizadas, Rheingold, verificou que existem muitos exercícios que fortalecem a autocontrole da atenção e, por pouco que seja, acredita ser melhor tentar controlar a atenção do que deixá-la navegar livremente, já que isso é benéfico nos contextos online.

Uma dica do autor nos indica que a atenção, memória e controle executivo são processos fundamentais ao pensamento e à gestão aplicada ao uso das redes sociais e ambientes online. Para melhor compreendermos este processo, o autor recorre a um exemplo, o esforço que investimos quando perdemos uma chave, para tentarmos

recordar onde é que a podemos ter deixado. Existe aqui uma ação coordenada entre a atenção e a memória, de tal forma que o cérebro altera-se para trazer à tona a memória de funcionamento (curto prazo), que segundo Miller (1956, citado por Rheingold) consegue até 7 elementos e 2 na memória de longo prazo. Para o cérebro conseguir gerir mais de 7 elementos precisa focar de tal forma a atenção que consiga ir buscar outra parte da memória.

Com o intuito de aproximar o mais possível as tarefas de aprendizagem às tarefas da vida real, existe hoje uma necessidade do desenvolvimento de novos métodos de ensino que conduzam

à criação de conteúdos de aprendizagem que otimizem a carga cognitiva na realização dessas tarefas. (Tomás et al, 2001). Estes conteúdos apresentam atualmente, um elevado grau de interatividade e complexidade devendo a sua conceção ter em consideração uma correta gestão dos recursos cognitivos disponíveis.

A gestão correta dos recursos cognitivos permitirá um processo de aprendizagem eficaz, sendo este o principal objetivo da Teoria da Carga Cognitiva.

As limitações da memória de trabalho influenciam profundamente o processamento da informação. Apenas alguns fragmentos de informação poderão ser utilizados a qualquer altura sem contribuírem para o esgotamento e diminuição da eficácia de processamento. (Kalyuga et al, 2003).

O autor introduz nesta linha de pensamento o conceito de metacognição que remete para as funções da mente que podemos utilizar para obter o controlo das nossas vidas online. Tal como o maestro, o controle executivo escolhe em cada situação quais as perceções a colocar na linha da frente, o que nada tem a ver com uma espécie de pequeno ser que habita na nossa mente, refere o autor em tom de brincadeira, somos mesmo nós.

“Your brain expends time and energy whenever it suspends one attentional process to fire up another one.” Pág 39

O autor nos alerta para a nossa capacidade de controlo e ao mesmo tempo para os prejuízos inerentes ao desviar a atenção de um assunto para outro, já que isso requer tempo, por exigir redirecionar o foco de atenção para outro assunto e filtrar novamente outras informações. A este processo os especialistas chamam disrupção da atenção e é algo interno e da responsabilidade de cada um de nós, por isso devemos conseguir avaliar os custos inerentes à perda de tempo e foco quando estamos concentrados num assunto e passamos para outro. A este respeito o autor fala num estudo da Universidade da Califórnia que revelou um dado importante: são necessários cerca de 30 minutos até que seja possível voltarmos a concentrar num outro assunto.

“Only you can tell whether shifting attention outsider the boundaries of your focal theme is worth the time lost getting back to your original task – switching costs – but given experimental evidence, most people have to face the fact there is a cost, most of

the time. Gloria Mark, professor of informatics at the University of California at Irvine, has studied the effects of workplace interruptions and found that it can take up to a half hour to regain concentration on a central task afterward.” Pág 39

De acordo com a análise de alguns especialistas, o sucesso das redes sociais como o Facebook e o Twitter está relacionada com a necessidade do ser humano prestar atenção aos outros.

Neste contexto o autor introduz o conceito de mirror neurons, um comportamento social que os neurocientistas acreditam ser possível treinar, ou seja, treinar a atenção em relação aos outros. Mas, mais de que imitar comportamentos temos, enquanto seres evoluídos que somos, a capacidade de analisar, avaliar e compreender esses comportamentos, moldando-os. É aqui que reside a diferença e o foco da questão, segundo Rheingold:

“When it comes to interacting with the world of always-on in, the fundamental skill, on which other essential skills depend, is the ability to deal with distraction without filtering out opportunity” (Pág. 41)

Rheingold acredita que a atenção possa ser treinada, que existem exercícios que a promovem, e que o nosso cérebro tem essa capacidade. Para sustentar a sua ideia, refere uma história retirada do blog de Davidson que estando tão concentrada a escrever no seu livro se esqueceu da água que tinha colocado no fogão para o chá e que na sequência desse episódio ao ir conduzir, momentos mais tarde, estava bastante concentrada, ou seja, conscientemente atenta depois do susto anterior, conseguindo por isso evitar o atropelamento de dois cães que se atravessaram inesperadamente no seu caminho poucos minutos depois. Esta história serviu para enfatizar a necessidade de praticar decisões conscientes, no que diz respeito ao controle objetivo da atenção. Tendencialmente consideramos a atenção como algo passivo e fora do nosso controle o que não corresponde à verdade. “We can track our own attentional pathways and learn from them” (Pág 42).

Estando online, qual a frequência com que controla o seu foco de atenção e com que frequência permite que esta seja capturada por estímulos periféricos? Para responder a esta questão o autor volta a colocar o poder nas nossas mãos, somos nós e o nosso cérebro os principais responsáveis pela seleção da informação que pretendemos prestar atenção, mesmo que para tal utilizemos algumas funcionalidades tecnológicas. Cada um de nós é que poderá definir claramente os seus objetivos e o caminho que precisa trilhar para os concretizar. “Only you can know your goals, and only you can determine which stimuli are relevant at any moment” (Pág 42).

O controlo executivo que exercemos quanto decidimos manter o foco numa tarefa apenas se torna útil quando compreendemos a atenção e a controlamos. É o que acontece por exemplo quando estamos num local com muitas pessoas e focamos a atenção apenas numa voz, dissipando as restantes vozes e ruídos. Neste sentido, os psicólogos cognitivos têm estudado de que forma a atenção aguça o campo de

concentração ao filtrar os estímulos não desejados. E qualquer um de nós poderá experimentar este processo procurando focar a atenção alternadamente em diferentes conversas que ocorrem, por exemplo numa festa movimentada. Neste processo, será possível observar que os filtros mudam sem termos que conscientemente abandonar correntes de informação, pois de uma forma quase natural seguirá uma ou outra voz. O que será que é mudado quando alternamos a atenção de um tema para outro? Compreender este processo será portanto compreender a multitarefa.

Conseguir o controlo da sua atenção requer em primeiro lugar, segundo Rheingold Intenção de. Quando formulamos uma meta é necessário ter intenção de a alcançar com êxito, estas permitem ao controlo executivo selecionar a informação importante e abandonar aquela que não o é. Este é o fenómeno conhecido por seleção da intenção, demonstrado de forma dramática pela Universidade de Illinois que pediu a um grupo para contar o número de passes num determinado jogo de basquete e enquanto o faziam surgia um elemento de distração, que terá sido ignorado pela maioria dos participantes. Neste sentido, referem no estudo que quando um estímulo externo afeta a atenção, afasta-a do foco por isso é considerado uma distração e tem uma conotação negativa por estar associada a perda de tempo. A respeito deste tema existem inúmeras perspectivas, como por exemplo Carr uma referência de argumento contemporâneo que considera que a internet nos está a tornar estúpidos.

### **Regular a Respiração, Controlar a Atenção**

Linda Stone não é Psicóloga nem Neurocientista mas tem experiência enquanto investigadora na área da multimédia, nomeadamente na compreensão da forma como os novos media afetam ou podem afetar a nossa mente e corpo, por isso Rheingold juntou-se a ela para discutir e refletir sobre algumas questões. Nas inúmeras conversas que foram tendo no jardim, Stone revelou que às vezes ao ver os e-mails segurava a respiração. Os pensamentos multiplicavam-se, os temas de cada e-mail se misturavam, a tentativa de organizar as respostas por ordem de importância, o pânico por identificar e-mails que já deveriam ter sido respondidos, entre outros pensamentos. Um fenómeno a que Stone chamou de Apneia do Correio Eletrónico. Perante esta constatação Stone deu-se conta de um facto importante: a respiração é um regulador da atenção.

Por comparação e para uma melhor compreensão da ideia recordaram os nossos antepassados, que para melhor escutarem os barulhos e num instinto de sobrevivência seguravam a respiração para poderem decidir o que fazer: fugir ou lutar. Atualmente, estamos em constante estado de luta ou fuga, o que é ótimo quando somos perseguidos por tigres mas não tanto quando encaramos os 500 e-mails do correio eletrónico como tigres, quando muitos deles são apenas moscas. Mas a verdade é que é desta forma que muitas vezes utilizamos as tecnologias.

Segurar a respiração ativa o sistema nervoso simpático, aumentando a corrente sanguínea e a sensação de fome. Em oposição os padrões regulares de respiração ativam o sistema nervoso parassimpático, fomentando o relaxamento. Face ao exposto, Stone sugere que controlemos as reações online.

### **Os comportamentos de dependência, a necessidade de estimulação digital e a sua**

## **influência nas relações humanas**

Depois de procurar compreender o processo de controlo e regulação da atenção, Rheingold introduza ainda mais um tópico para análise, os comportamentos de dependência. Será que a compulsão de verificar com que frequência as nossas ligações online se tornaram um problema de dependência? O autor refere que pretende ser cauteloso ao utilizar a expressão dependência, pois remete para vício e talvez não seja tão problemático. Para responder a esta questão, o autor cita um estudo de Harvard que sugere que a sobrecarga de informação é algo que trazemos para nós mesmos, em vez de nos habituarmos a doses regulares de informação. O autor deste estudo contou que numa palestra referiu a importância de realizar uma tarefa de cada vez, de se desligar em alguns momentos por dia o e-mail para se evitar distrações, e um aluno da plateia respondeu que isso lhe provocava alguma ansiedade ao pensar sobre o que estaria perdendo naquele momento.

O desejo de estimulação digital pode ser semelhante ao que se sente quando temos fome ou ausência de sexo, momentos em que o comportamento equilibrado pode dar lugar à compulsão. Mas como nos tornamos viciados nas mídias sociais? Na resposta a esta questão Rheingold refere que este livro não é para quem tem um problema em controlar o seu comportamento online, o autor apenas pretende referenciar estudos que revelam que a utilização da mídia social provoca efeitos semelhantes ao uso da dopamina. Dopamina é um neurotransmissor liberado pelo cérebro, que desempenha diversos papéis nos seres humanos e animais. Participa em diversas funções vitais como o movimento, memória, recompensa agradável, comportamento e cognição, atenção, inibição de produção da prolactina, sono, estados de humor e aprendizagem, ou seja, causa excitação, provoca reações físicas.

Ainda a respeito dos comportamentos compulsivos o autor refere-se à influência destes comportamentos na relação parental. As crianças para sentirem uma ligação emocional precisam de sentir que os pais sentem o que eles estão a sentir. A distração parental provocada pela mídia interfere com o sentimento de ligação emocional o que poderá afetar o crescimento das crianças. Não são só os adolescentes que estão viciados nas tecnologias e nas redes os pais também revelam comportamentos de dependência o que se torna preocupante.

A propósito desta mudança nas relações pais-filhos Turkle apud Rheingold, afirma que as tecnologia nos estão oferecendo a possibilidade de pensar sobre os nossos valores, por isso têm sido um grande presente. Nós temos, na sua perspectiva, novas possibilidades para coisas maravilhosas. Turke afirma que se não sabemos estar sozinhos, vamos sentir-nos sempre sós; se estivermos sempre conectados não vamos aprender os valores reestruturantes da solidão.

## **Parte II – Análise Sociológica**

## **O hábito de utilizar a internet torna-nos estúpidos?**

Concluindo, o autor afirma que a invenção de Theuth não passa de uma mera receita para refrescar a memória. Os alunos iludir-se-ão pensando que possuem um extenso conhecimento, quando na realidade não são capazes de fazer julgamentos individuais, e pelos seus próprios meios. Esta é a conclusão a que podemos chegar também sobre o uso da internet; devido ao fluxo de informação a que o indivíduo moderno tem acesso através da internet, o hábito de pesquisar, refletir e discernir, começa lentamente a cair em desuso. Para a maioria dos indivíduos é suficiente ter acesso a alguns links que contêm na apresentação algumas palavras-chave, para sentirem que alcançaram a informação de que necessitavam, mas na realidade apenas leram determinada informação; o conhecimento permanece na informação a que se acede, caso o indivíduo não se esforce por interiorizar e usar a informação a que recorreu.

## **Será que o uso das tecnologias digitais poderá estar a nos destruir?**

Para responder a esta questão Rheingold identifica um conjunto de especialistas. Na sua perspetiva, Carr, assim como a linguista americana Naomi Baron, a crítica tecnológica Maggie Jackson, o cientista da Apple e da Microsoft Stone e a especialista em desenvolvimento infantil Maryanne Wolf tomaram várias posições em torno desta questão e as suas abordagens deverão ser seriamente levadas em conta por todos os entusiastas dos meios sociais, que julgam deter um pensamento crítico.

Carr, por exemplo, considera que as redes sociais nos obrigam a desenvolver hábitos que tendem a prejudicar os nossos cérebros e a destruir a cultura. A maioria das abordagens científicas apresentadas por Carr demonstra que a neuroplasticidade pode ser treinada. Porém, as adaptações neuroplásticas indesejadas são algo a rezear.

A ética de rede interrompe a capacidade de pensar das mais variadas formas, começando por exemplo com os chamados hiperlinks, que nos incentivam a divagar por uma imensidão de textos, ao invés de nos concentrar-mos ou de nos tentar-mos concentrar num texto ou informação de cada vez. Os hiperlinks acabarão muito provavelmente por ditar a morte das várias formas de pensar, o que seria catastrófico tanto para os indivíduos como para a própria cultura em si.

Outro fator importante tem a ver com a pesquisa na internet, que é essencialmente a pergunta chave a que tentamos responder, sobre a possibilidade do motor de pesquisa Google poder deturpar ou não a inteligência humana; os motores de pesquisa fazem-nos concentrar num determinado ponto de um texto ou frase, que para nós demonstra alguma relevância para a informação que pretendemos encontrar. A partir do momento em que encontramos em parte alguma informação que de algum modo se relaciona com aquilo que procurávamos, automaticamente perdemos o entusiasmo e a motivação para finalizar o trabalho de pesquisa, pois acabamos por nos distrair e abstrair do núcleo do trabalho a que nos propusemos realizar, que era efetivamente uma pesquisa completa, com recolha de informação não fragmentada.

Ao substituímos a nossa memória pela memória de rede arriscamos esvaziar a nossa mente; segundo Carr estamos experimentando, metaforicamente falando, um reverso na trajetória da civilização, ou seja, estamos regredindo do nível de cultivadores do

conhecimento pessoal para o nível de predadores de dados digitais, caçando incessantemente ajudas externas para uma informação aparente e um conhecimento plástico.

### **Será que as instituições culturais conseguem reagir rapidamente às ruturas tecnológicas?**

A Wikipedia aparenta ser um ótimo local para iniciar uma pesquisa rápida, mas não de todo para terminar este tipo de trabalho. Pesquisam-se fragmentos, e pequenos segmentos de informação que conduzem a outras fontes de informação, e assim por diante, como se de uma bola de neve se tratasse, mas onde está a informação sobre o tema em si? A pesquisa digital por um determinado conhecimento temático, centra-se e dever-se-ia concentrar exatamente nessa totalidade temática e não apenas a uma dúzia de respostas individuais, que em nada contribuem para a construção de um conhecimento real.

Voltando ao hiperlink e contrariando a posição de Carr, podemos dizer que o hiperlink constitui um núcleo de conhecimento que conduz a outros núcleos, e, que como um todo se podem moldar sob a forma de redes abrangentes, ligações e sistemas.

O modo como a maioria dos indivíduos utiliza os motores de pesquisa para encontrar respostas constitui por si mesmo um problema grave, que poderá ser resolvido culturalmente. Tal como as antigas artes da retórica ensinavam a os povos a construir e medir formas adequadas de argumentação, também uma retórica cuidada da pesquisa digital poderá captar a atenção do indivíduo para o processo de investigação.

Se alternarmos entre a capacidade de atenção e a arte da seleção daquilo que realmente não nos interessa ou não nos convém, certamente poderemos obter mais detalhes quando tentarmos realizar uma qualquer pesquisa, uma vez que encontrar aquilo que queremos e saber paralelamente como selecionar a boa da má informação, se torna desta feita um processo complementar e essencial na sociedade moderna em que vivemos.

Segundo Carr, todos os indivíduos possuem o poder de combater as várias formas de distração, sempre que se expõem aos meios digitais. A tendência assim como o talento que o ser humano possui para a expressão simbólica têm sido ambos uma espécie de condutor biológico e cultural da evolução.

### **O que está sucedendo com a nossa linguagem e com as nossas relações sociais?**

Baron revela uma posição crítica em relação às consequências de uma evolução rápida no ambiente linguístico, no qual por exemplo as abreviaturas LOL (rindo alto) e SMS (serviço de mensagem curta) parecem ter criado de um dia para o outro uma linguagem de calão abreviada.

Será que o acesso livre e democrático às publicações online poderá vir a conduzir a um aumento quantitativo de publicações de qualidade duvidosa, que possam de alguma forma colocar em risco a existência da cultura? Baron rejeita totalmente esta possibilidade, uma vez que ele acredita que ainda existem leitores informados capazes de discernir sobre a qualidade da leitura e da informação a esta inerente, o que por sua vez evitaria a intervenção monopolizada da instituição editorial.

A sociedade perfeita em que na sua grande maioria todos são alfabetizados foi em tempos remotos um ideal utópico; a tecnologia moderna ao usar a capacidade digital para alterar a consciência humana, acaba por conduzir a um retrocesso da humanidade, levando-nos até à idade das pinturas rupestres. O conhecimento simbólico perde toda a sua essência do conhecimento e permanece sob ameaça de extinção, na medida em que a tecnologia como arma moderna ensina o indivíduo manipular a simbologia.

O hábito contínuo da multitarefa, enfatizado pelas tecnologias que incitam à distração, começa a afetar a capacidade humana para conseguir manter a atenção. Também os livros entraram num processo de declínio, assim como os relacionamentos humanos, que na sociedade moderna têm por base apenas e unicamente a vigilância. Observa-se, controla-se, mas deixou de se confiar. A civilização pode já ter entrado em declínio; pelo menos este é o ponto de vista de Jackson, que receia que a sociedade sofra de um défice em torno da atenção cultural.

Telefonar, ler emails e navegar na Internet em simultâneo, hoje em dia são imagens comuns e praticadas pela maioria dos indivíduos, mas na realidade trata-se de uma forma antissocial de multitarefa, que parece ter contagiado todo o tipo de pessoas, desde os visitantes assíduos da biblioteca aos grandes investidores que passam os dias em reuniões intermináveis. Para Stone

este comportamento denomina-se atenção parcial contínua, assim como qualquer outro que inclua um sentido artificial de crise constante. Em relação à apneia do email Stone refere que a atenção parcial contínua pode amputar as oportunidades de reflexão e das ligações sociais reais, assim como por em risco a saúde e o bem-estar.

Como combater este comportamento? Em primeiro lugar respirar, uma vez que a apneia do email parece ser um sintoma de permanecer num estado de atenção parcial contínua; em segundo lugar gerir a atenção, necessitamos de aprender a gerir a nossa atenção e a mitigar o impulso de ligação permanente; a intenção é o combustível para a atenção.

Ter uma intenção e estabelecer objetivos são dois pontos completamente díspares; o objetivo é externo e localizado num espaço futuro, mas a intenção é inata ao ser humano e localizada num espaço bem presente.

### **Quando é que o comportamento muda?**

Regra geral ainda no presente. Normalmente é conveniente pensar que o pensamento humano inclui ligações, e, que é possível restabelecer essas ligações, mas tal efetivamente não corresponde à realidade. Mesmo que seja possível, que um determinado grupo de células do cérebro, se possa sincronizar para reparar um determinado circuito, o cérebro funciona de um modo muito mais dinâmico e complexo.

Normalmente os grupos neurais criam novas ligações e reforçam os espaços entre eles em redes específicas, sempre que um indivíduo adquire novas competências em termos

de conhecimento.

Nós vivemos num mundo programado com a capacidade de alterar o que nos foi oferecido pela natureza, o que nos permite ultrapassar e alterar obstáculos!

Os seres humanos estão por natureza equipados para reconhecer padrões visuais e por conseguinte serem capazes de extrair significados. No entanto, a capacidade de mistura de linguagens, da visão e da atenção para transmitir o conhecimento trata-se de uma habilidade não biológica, que foi simplesmente inventada.

A leitura é uma tecnologia da mente e a sua componente visual parece fazer uso dos mecanismos profundos de perceção, que provavelmente sofreram uma evolução, para terem a capacidade de detetar determinadas situações, que podem ser descodificadas por meio da simbologia.

Cada uma das capacidades inatas rebuscadas pelo cérebro para serem utilizadas no processo de leitura, pressupõe o trabalho das funções cognitivas e de perceção, em separado, e de um modo altamente coordenado. O reconhecimento de um certo tipo de letra, a sequência de tipos de letra e o reconhecimento de sequencias como representações de palavras, têm de ser sincronizadas, através de formas com as quais os nossos cérebros não foram programados aquando da evolução biológica.

## **Artigo grupo 2 1314**

### **A PESQUISA DA INFORMAÇÃO**

#### **ÍNDICE**

Introdução	3
.....	.....
1. Crap Detection	3
.....	.....

1.1. O método do detetive	4
1.2. Triangulação de fontes	8
Conclusão	10
Bibliografia	11

## INTRODUÇÃO

No âmbito da Unidade Curricular de Psicologia da Comunicação Online foi-nos proposto realizar um trabalho de grupo sobre a leitura de um dos capítulos do livro “Net Smart: How to Thrive Online” de Howard Rheingold.

O capítulo por nós escolhido e defendido, recaiu no número dois, designado por “Crap Detection”, ou seja, a pesquisa da informação online.

O trabalho compreende uma compilação de materiais, resultado de uma pesquisa efetuada por todo o grupo, sobre a pesquisa da informação online. Por sua vez, foi elaborada uma *wikispace* que pode ser acompanhada através do link: <http://pesquisainformacao.wikispaces.com>.

Da leitura efetuada, sobre o capítulo estudado, “Crap Detection”, focamo-nos no método do detetive e na triangulação de fontes.

Tentamos agrupar recursos que consideramos uma mais valia para o tema que nos propusemos trabalhar, para além de termos desenvolvido o tema do método do detetive de uma forma mais detalhada, em que todos os leitores possam seguir todos os passos essenciais para que a pesquisa realizada na internet seja bem sucedida.

## CRAP DETECTION

No trabalho compilado através de uma *wikispace*, elaborámos um conjunto de páginas entre as quais questionamos como ser um detetive cibernético com sucesso. Neste sentido, podemos referir que com a internet e todas as suas potencialidades, surgiram também todos os riscos inerentes à sua utilização. A quantidade de informação existente é inquantificável. Através dela temos acesso ao mundo e nela podemos criar os mundos que quisermos, ser o que desejarmos, criar o nosso "eu" virtual. A internet acaba por promover e estimular a criação e o acesso a qualquer informação.

Assim sendo, e considerando que uma das suas grandes potencialidades, é a partilha e a possibilidade de todos os seus utilizadores poderem "ganhar" uma voz ativa através da sua utilização. Neste sentido, há uma necessidade cada vez mais real de saber pesquisar, seleccionar e validar a informação que se encontra.

Cada vez mais, o mundo académico sente e sofre com a influência que a internet tem, uma vez que, a cada dia que passa, assume-se como o principal foco de obtenção de informação, por exemplo, para a realização de trabalhos académicos.

**Sendo que de entre os erros mais comuns cometidos pelos estudantes estão:**

- Confiar nas pesquisas feitas na internet e ignoram outras fontes chave;
- Não avaliar criticamente a qualidade da informação que encontram;
- Copiar a informação que encontram na internet e não reconhecem as suas fontes.

**Os alunos têm de ter presente que existem competências de pesquisa na Internet que são exigidas e muitas vezes não são consideradas como por exemplo:** Ser capaz de efetuar a sua pesquisa independente; localizar e usar um grande espectro de fontes de informação; avaliar criticamente toda a informação encontrada; sintetizar a informação para criar um trabalho original; apresentar argumentos equilibrados e válidos que conduzam à criação de uma conclusão pessoal; utilizar consciosamente todos os recursos fornecidos para a realização do trabalho.

Assim sendo, é essencial que se tome consciência da importância da qualidade da informação, em particular para a pesquisa académica, e aprender a evitar o tempo

perdido na internet.

A página correspondente ao tema intitulado "**Detetive cibernético**" pretende dar dicas e sugestões, que ajudem a fazer uma avaliação crítica da informação que se encontra na internet, dando alguns exercícios práticos para testar as competências mais importantes a ter em consideração, enquanto se efetuam pesquisas.

### **O método do detetive**

Determinar a qualidade da informação é, portanto, um ponto fundamental e para isso temos de avaliar a qualidade da nossa pesquisa. Para isso é importante definir :

**O Bom** – publicações académicas na Internet;

**O Mau** – tempo perdido nas pesquisas na Internet;

**O Feio** – embustes, fraudes e lendas existentes na Internet.

#### **O Bom**

**Atualmente, muitas fontes de investigação credíveis publicam na internet.**

No mundo académico é muito importante que as novas pesquisas tenham por base informação cuja qualidade é assegurada. Assim, é importante ter noção do **processo académico de publicação**. Os académicos frequentemente dão a conhecer a sua investigação em publicações formais, como artigos em revistas científicas reconhecidas, artigos de jornais ou relatórios. Estas publicações seguem um processo formal de forma a assegurar a qualidade do trabalho.

#### **- Peer review/refereeing**

É o "peer review" que está na base da investigação académica. Se a publicação é peer review quer dizer que já foi lida, verificada e autenticada por um parceiro académico independente.

**Este sistema de controlo de qualidade relativo à publicação académica já tem centenas de anos, por esse fator podemos considerar fidedignas fontes, tais como:**

- Jornais escolares (usualmente editados por instituições credíveis);
- Jornais eletrónicos;
- Serviços bibliotecários *eJournals* (geralmente o serviço é pago, mas muitas vezes é disponibilizado pelas próprias universidades);
- Editores do *eJournal* (geralmente o serviço é pago em função do número de artigos consultados);
- *eprints* (muitos académicos estão a aderir à disponibilização dos seus artigos nos denominados repositórios institucionais (IRs));
- databases bibliograficas ( muitos académicos recorrem a databases especializadas para aceder a todos os detalhes referentes a investigações anteriores);
- repositórios académicos online;
- sites de bibliotecas online.

## **O Mau**

**Infelizmente a internet também promove a existência de informação completamente desapropriada, fontes não fidedignas.**

É necessário ter todos cuidados relativamente à informação que se encontra na internet, visto que não há nenhum sistema de controlo da qualidade da mesma.

**Aspetos que devemos considerar e refletir sobre esta visão:** Qualquer pessoa pode colocar qualquer coisa na internet; em qualquer parte do mundo; que se pode dizer qualquer coisa; e manter durante o tempo que quisermos; ou alterar qualquer informação sem aviso prévio.

**Logo, como ter consciência do perigo latente relativamente à informação que se**

**encontra na Internet, este depende:**

- da proveniência da fonte ( se é fidedigna, credível);
- da qualidade do conteúdo ( validade, adequabilidade, atualidade);
- na possível dissimulação, quanto à forma e conteúdo da informação, disponibilizada na internet.

A facilidade com que é possível aceder à informação disponível na internet acaba por ser, muitas vezes, o maior inimigo do utilizador, pois recorrer a um motor de busca não garante acesso à informação que se pretende.

Acaba por se tornar mais eficaz a utilização de repositórios específicos, assim como o web site da biblioteca de uma universidade, uma vez que garante um padrão de confiabilidade e qualidade da informação acedida.

**É fácil perder informações importantes.**

Quando se pretende encontrar algo na internet, recorre-se a um motor de busca, pois eles contêm tudo o que está disponível online, certo? Errado!

Os motores de busca cobrem apenas uma parte do que está disponível online, mas existem imensos conteúdos que estão ocultos.

Por exemplo, informação contida em algumas das *databases* que foram referidas anteriormente, não irá aparecer nos resultados dos motores de busca, especialmente se eles exigem assinatura ou senha para poderem ser consultadas.

Também vale a pena lembrar que os motores de busca apenas fornecem a informação que é online e, claro está, ainda existe imensa informação que ainda só se encontra disponível em formato de papel.

E caso se utilizem diferentes motores de busca para efetuar a mesma pesquisa, vai-se obter um conjunto diferente de resultados em cada motor de busca - o que revela que nenhum deles tem acesso a todo o universo da Internet. Exemplo: <http://www.metacrawler.com> Trata-se de um mega motor de pesquisa, que faz as suas pesquisas usando vários motores de busca muito conhecidos, em simultâneo.

É um equívoco comum pensar que os motores de busca (como o *Google*) apresentam a

universalidade da informação que se encontra online mas é fundamental considerar outras fontes de pesquisa para a investigação.

## **O Feio**

### **Na pior das hipóteses a Internet pode levar à desinformação.**

A fraude, o engano e a informação contraditória e parcial também faz parte do que é disponibilizado na Internet. Seja cético, não paranóico!

### **Mas como descobrir os sites falsos?**

Na tentativa de confirmar a veracidade de um site é possível utilizar os seguintes sites :

#### **Snopes**

[ <http://www.snopes.com/> ]

É um site que permite conferir algo que possa parecer lenda, embuste ou fraude. Ele mantém um arquivo enorme de exemplos de lendas, mitos e boatos - por isso, se tiver suspeitas sobre um e-mail é possível usar este site para ver se ele é uma farsa.

#### **Office of Fair Trading**

[ [http://www.oft.gov.uk/oft\\_at\\_work/consumer\\_initiatives/scams/](http://www.oft.gov.uk/oft_at_work/consumer_initiatives/scams/) ]

É um site que permite esclarecer o que se pode fazer caso sejamos vítimas de fraude na Internet, assim como tem bons conselhos sobre como identificar golpes e fraudes .

#### **ScamBusters**

[ <http://www.scambusters.com/> ]

Dá informações sobre como evitar ser vítima de roubo de identidade , ou de fraudes , como a venda de pirâmide, ou golpes de lavagem de dinheiro .

## Triangulação de fontes

O método da triangulação de fontes é muito utilizado em diversos estudos. Serve para validar os estudos, cujos resultados são objeto de diversas críticas. Esta análise evidencia, como resultado, que a performance docente incide na confluência tecnológica e pedagógica, para que seja possível o desenvolvimento da interatividade e interação dos ambientes virtuais de ensino-aprendizagem. Muitos são os docentes que, na atualidade, integram as tecnologias educacionais em rede.

No campo sociológico este método da triangulação de fontes é muito utilizado. A triangulação pode ser usada para problematizar questões de pesquisa e para criar gradações para estatísticas de nível populacional, de modo a tornar os resultados relevantes para a discussão de políticas. Na pesquisa acadêmica este método é essencial, em contexto de políticas que esta triangulação pode proporcionar, mediante a utilização de dados quantitativos.

Os estudos de caso que podemos apontar são muito diversificados. Como exemplo cita-se: pesquisas demográficas, baseadas na explicação da emigração. Esta pode ser analisada no seu todo, através do conteúdo, benefícios e desvantagens das bases de dados. Podemos examinar muitas fontes de dados, no entanto, deparamo-nos com grupos minoritários de população. As variáveis e amostras podem ser de tamanho reduzido para explicar o fenómeno da demografia,

Muitos investigadores utilizam as abordagens metodológicas da triangulação, entre os quais no campo sociológico. Smelser (1969) referiu que é a "oportunidade para que diferentes marcos teórico-metodológicos contribuam com a iniciativa sociológica". Para este autor, estes marcos conceituais, devem aplicar uma variedade de metodologias.

Neste sentido, a abordagem, chamada de "articulação complementar", é uma ferramenta necessária para a exploração de questões sociológicas, particularmente na medida em que aproveita dados de diversas fontes do saber. A triangulação é um método abrangente e diversificado para efetivar a articulação complementar de Smelser.

Mais tarde, em 1978, Denzin definiu **quatro tipos básicos de triangulação: de dados; de investigador; de teoria; metodológica.**

A triangulação de diferentes fontes de dados é uma forma importante de criar um quadro mais abrangente da realidade social de um grupo. Esta é empregada, às vezes, não para contextualizar a análise, mas para dar suporte ou testar a robustez de um achado importante.

Apesar das oportunidades apresentadas pela triangulação, os sociólogos devem ter em conta uma série de desafios importantes. Tendo em consideração os aspetos antes enunciados, a triangulação utiliza uma diversidade de fontes de dados que, em geral, ampliam a quantidade de dados disponíveis, bem como os marcos conceituais segundo os quais os dados foram recolhidos. É importante utilizar a triangulação tendo por base uma sólida análise ou método primário e, a partir daí, escolher um método secundário adequado para orientar a análise primária (Olsen, 2004). Hierarquizar os métodos ou análises propostos permite focar as questões de pesquisa.

Do ponto de vista prático, a triangulação, ajuda a contextualizar ou impulsionar resultados importantes embora estatisticamente fracos e se constitui num meio para explorar achados incomuns e "erros sociológicos" em análises primárias. Exemplo: provenientes de minorias, no caso da pesquisa demográfica.

Ao utilizar uma fonte de dados, os pesquisadores devem estar particularmente atentos a questões técnicas envolvidas na construção e coleta de dados das diferentes fontes. Quando estas envolvem distintas variáveis e marcos conceituais, é muito provável que a metodologia usada durante a pesquisa de dados e a própria construção da base de dados possam levar a uma série de viéses (Broege; Owens; Graesch; Arnold; Schneider, 2007).

Por fim, uma crítica teórica do uso de triangulação nas ciências sociais relembra uma das motivações originais por trás do uso deste método; fundamentalmente, a de que o processo de articulação complementar através da triangulação pode ajudar a produzir um quadro mais holístico e preciso das vidas sociais.

Em suma, o conceito de triangulação é emprestado a partir de técnicas de levantamento de navegação e terrestres que determinam um único ponto no espaço com a convergência de medições feitas a partir de outros dois pontos distintos.

A ideia é que um resultado pode ser mais fiável se diferentes métodos conduzirem ao mesmo resultado.

Validade, na pesquisa qualitativa, refere-se ao facto dos resultados de um estudo são verdadeiras e certo -"verdadeira" no sentido de que os resultados da investigação refletir com precisão a situação, e "certo" no sentido de que os resultados da investigação são suportadas pela evidência.

Assim sendo, podemos entender por triangulação, um método usado por pesquisadores qualitativos para verificar e estabelecer a validade dos seus estudos, mediante da análise de uma questão de pesquisa a partir de múltiplas perspectivas. Patton (2002) adverte que é um equívoco comum que o objetivo da triangulação é chegar a consistência entre fontes de dados ou abordagens, na verdade, tais inconsistências podem ser provável dada a relação de forças entre as diferentes abordagens. Na visão de Patton, essas inconsistências devem ser vistas como uma oportunidade de descobrir um significado mais profundo nos dados.

## CONCLUSÃO

A pesquisa de informação na Internet pode ser muito complexa tendo em conta a quantidade e a qualidade da informação que é disponibilizada. O utilizador facilmente se "perde" no ciberespaço e se a informação pesquisada tem como finalidade servir como base para trabalhos académicos, a necessidade de seriar, avaliar e validar a informação que se encontra é essencial.

É fundamental verificar, desde o que se pretende pesquisar, à confiabilidade do que é pesquisado, passando pela qualidade das informações que nos vão surgindo. No mundo da internet dispomos de muitas fontes de informação. Devemos tentar averiguar com o maior rigor e exatidão, que essa informação é válida. Este trabalho foi realizado, precisamente, nesse sentido!

Não há fórmulas mágicas, para conseguir atingir essa validação da informação, mas por termos consciência da importância que a seriação da informação tem, tentamos elucidar os leitores deste trabalho para a consciencialização deste fator e dar um conjunto de indicações que podem fazer diferença, se consideradas quando estamos a efetuar a nossa pesquisa, daí a importância da "Crap Detection".

Há que otimizar a nossa pesquisa e para isso temos de ter consciência das valias e dos

perigos que a Internet acarreta. Neste sentido, para que possamos usar a Internet de uma forma equilibrada temos de desenvolver o nosso próprio "Crap Detection"!

## BIBLIOGRAFIA

BOYD, D. (2010) - Streams of Content, Limited Attention: The Flow of Information through Social Media.

BROEGE, Nora; OWENS, Ann; GRAESCH, Anthony P.; ARNOLD, Jeanne E.; SCHNEIDER, Barbara. (2007). Calibrating Measures of Family Activities Between Large- and Small-Scale Data Sets. *Sociological Methodology* v. 37, n. 1, p. 119-149.

DENZIN, Neil K. (1978). *The research act: A theoretical introduction to sociological methods*. 2nd. ed. New York: McGraw-Hill.

GILLMOR, D. (2010). *Mediaactive*. Disponível em <http://mediactive.com/book/table-of-contents-2/>

Kop, R. (2012). The Unexpected Connection: Serendipity and Human Mediation in Networked Learning. *Educational Technology & Society*, 15 (2), 2–11.

MCMANUS, J. (2009). *Detecting Bull: How to Identify Bias and Junk Journalism in Print, Broadcast and on the Wild Web*. Sunnyvale, CA: The Unvarnished Press.

MOTA, J. (2009). Personal Learning Environments: Contributos para uma discussão do conceito. In *Educação, Formação & Tecnologias*; vol.2 (2); pp. 5-21, Novembro.

OLSEN, Wendy K. (2004). Triangulation in social research: Qualitative and quantitative methods can really be mixed. *In*: HOLBORN, M.; HARALAMBOS, M. (Eds.) *Developments in Sociology*. Ormskirk: Caseway Press.

RHEINGOLD, H. (2012). *Net Smart: How to Thrive Online*. Cambridge, Massachusetts: The MIT Press, pp.76-109.

SMELSER, Neil J. (1969). The Optimum Scope of Sociology. *In*: BIERSTEDT, Robert. (Ed.) *A Design for Sociology: Scope, Objectives, and Methods*. The American Academy of Political and Social Sciences, Philadelphia.

PATTON, M. (2002). *Qualitative Research Evaluation Methods*. California: Sage Publications.

PINHEIRO, C. (2012) *Curadoria de Conteúdos com o Scoop.it*

WELLBURN, E. & EIB, B.J. (2010) *Imagining Multi-Roles in Web 2.0 Distance Education* In George Veletsianos *Emerging Technologies in Distance Education*.

### **Sites consultados:**

<http://www.mediabugs.org/> Acesso 30 de Janeiro 2014

<http://www.wordyard.com/2010/09/14/in-the-context-of-web-context-how-to-check-out-any-web-page/>

Acesso 30 de Janeiro 2014

<http://www.wordyard.com/2010/08/30/in-defense-of-links-part-one-nick-carr-hypertext-and-delinkification/> Acesso 30 de Janeiro 2014

[http://www.scielo.br/scielo.php?script=sci\\_arttext&pid=S1517-45222012000300007](http://www.scielo.br/scielo.php?script=sci_arttext&pid=S1517-45222012000300007).

Acesso 30 de janeiro 2014.

<http://online.unisc.br/seer/index.php/reflex/article/view/3853>. Acesso 29 de janeiro 2014.

<http://www.porto.ucp.pt/nonio/nonio/internet/pesquisar.htm>. Acesso 26 de janeiro 2014.

[http://www.minerva.uevora.pt/web1/guia\\_internet\\_0506.htm](http://www.minerva.uevora.pt/web1/guia_internet_0506.htm).

Acesso 26 de janeiro 2014.

<http://agabrigada.ccems.pt/Becre/03TecnicaspesquisaavancadaInternet.pdf>.

Acesso 26 de janeiro 2014.

<http://users.skynet.be/penso.logo.encontro/curso/curso.htm>.

Acesso 26 de janeiro 2014.

<http://edis.ifas.ufl.edu/fy394>. Acesso 26 de janeiro 2014.

[http://www.sagepub.com/upm-data/17810\\_5052\\_Pierce\\_Ch07.pdf](http://www.sagepub.com/upm-data/17810_5052_Pierce_Ch07.pdf) Acesso 26 de janeiro 2014.

[http://www.cies.iscte.pt/destaques/documents/CIES-WP60\\_Duarte\\_003.pdf](http://www.cies.iscte.pt/destaques/documents/CIES-WP60_Duarte_003.pdf) Acesso 26 de janeiro 2014.

<http://www.vtstutorials.ac.uk/detective/brief.html> Acesso 25 de janeiro 2014.

Artigo grupo 3 1314

## Participação na Rede e Cultura Participatória

Análise do capítulo 3 "*Participation Power*"  
do livro *Net Smart* de *Howard Rheingold*



**Wiki:** [www.pco-grupo3.wikispaces.com](http://www.pco-grupo3.wikispaces.com)

### Introdução

A primeira década do século XXI assistiu a um crescimento explosivo do poder da participação digital por parte dos cidadãos.

Jovens empreendedores estiveram na base do nascimento de ferramentas digitais (como o Twitter , o Facebook, etc) que permitiram aos cidadãos intervir na sociedade de uma nova forma originado aquilo que denominamos por cultura digital.

Agora as pessoas partilham as suas histórias, testemunhos e ideias online ganhando a capacidade de influenciar outras pessoas, transfigurando e ampliando assim a sua mensagem inicial, que se pode replicar instantaneamente para lá do seu espaço físico. Este facto dá uma sensação de empoderamento ao cidadão comum que passa a valorizar as suas novas capacidades de cidadania para intervir na sociedade extravasando os limites espaço-temporais. Rheingold escreveu: " In the world of digitally networked publics, online participation - if you know how to do it - can translate into real power. Participation, however, is a kind of power that only works if you share it with others." (Rheingold, 2012, pag. 119)

A literacia digital passa hoje por estar ligado às redes digitais, não só para obter vantagens individuais e profissionais, mas também porque existe a consciência de que a participação digital ajuda a construir uma sociedade mais democrática, participativa e diversificada culturalmente.

Este terceiro capítulo diz respeito exatamente a esta realidade onde Rheingold discute a forma como os blogs e as outras redes sociais e as práticas de curadoria mudaram a nossa forma de interagir online. É que a hiper-conexão só faz sentido se pensarmos em comunidade que coopera transformando a sua participação em capital social. A internet é uma ferramenta útil de cidadania. mas exige que um grupo grande de pessoas decida agir em conjunto. Uma ditadura pode ser derrubada, mesmo que tenha décadas de vida. Tudo começa, no entanto, com a capacidade de um grupo grande de pessoas de se mexer. Um escreve um post em blog, outro vai para o Twitter e colabora para trazer o tema aos tópicos mais populares. É o conjunto que tem poder para ganhos que vão da defesa do consumidor à política. E tudo nasce de uma consciência do cidadão digital: ele tem de participar, senão a tecnologia serve de pouco. Por sua vez, a atenção leva à participação que leva à colaboração

Segundo o raciocínio de Rheingold, o que faz da rede útil não são as inúmeras partículas de conteúdo espalhadas em inúmeros sites e redes. É a capacidade de compartilhar o que há de interessante. Na rede, quem lê algo de bom compartilha. Pode ser um e-mail, um blog, jogar no Facebook ou no Twitter. Num ambiente onde todos colaboram para levar um link, separando o joio do trigo, a vida em rede fica mais rica.

## 1. A Cultura Participatória

**"Participation Power"** (Rheingold, 2012, pag. 112)

Rheingold afirma que a melhor maneira de crescer e viver em rede é através do que ele próprio denomina de "Participation power", partindo do princípio que não basta alimentar as redes com informação, há que saber transformar, adaptar e criar informação a partir da cooperação entre todos. Ele próprio cita Matt Ridley:

“Co-operation turned us into specialists: I’ll do this job, you do that one. Specialisation gave us incentives to innovate. Innovation led to yet more specialisation – and more ways of combining different specialised skills. Human intelligence became collective and cumulative to an extent that no other species can rival.” (Ridley, “When Ideas Have Sex,” 2011)

Em rede ninguém está sozinho. O pensamento individualista dá lugar ao pensamento conetivista pois é construído pela colaboração de pensamentos uns dos outros. Quer isto dizer que cada nova ideia publicada e partilhada em rede convida a novas colaborações criando aquilo a que chama de "Inteligência Coletiva" mencionada por Pierre Levy.

Howard Rheingold (2003) diz que o potencial transformador mais profundo de conectar as inclinações humano-sociais à eficiência das tecnologias da informação é a possibilidade de fazer coisas novas conjuntamente, e o potencial para cooperar numa escala e de maneiras nunca antes possíveis. Além disso, as multidões inteligentes (smart mobs) emergem quando a comunicação e as tecnologias da computação amplificam o talento humano para a cooperação. É que o poder não está nas novas tecnologias, mas no uso que cada um faz delas.

Concluindo, o pensamento do autor, ele defende que esta cultura participatória permitirá uma mudança social profunda. Mudança ao nível da concepção das relações humanas e na maneira como cada indivíduo comunica com o outro.

## 2. Competências de participação

**"Skating up the Power Law of Participation"** (Rheingold, 2012, pag. 119).

Howard Rheingold (2003) diz que o potencial transformador mais profundo de conectar as inclinações humano-sociais à eficiência das tecnologias da informação é a possibilidade de fazer coisas novas conjuntamente, e o potencial para cooperar numa escala e de maneiras nunca antes possíveis.

Isto justifica-se na medida em que as multidões inteligentes (smart mobs) emergem quando a comunicação e as tecnologias amplificam o talento humano para a participação e cooperação.

## 3. Curadoria

**"We're all each other's filter"** (Rheingold, 2012, pag. 126).

No contexto da comunicação online, o papel do curador na pesquisa e partilha de informação e na geração do conhecimento é de extrema importância. Mas antes de tudo, há que perceber o que é a curadoria e quando nos tornamos curadores.

O curador, para Rheingold, é uma espécie de alquimista na medida em que ele mistura os átomos, metáfora das redes, formando uma infomolécula à qual acrescenta valor.

Rheingold (p.126) afirma: "When you share favorite, like, bookmark, or a tag something you find and evaluate online, you're moving into curation, another participation skill that enriches both the curator and commons."

Segundo Rosenbaum, ser apaixonado por um assunto é a premissa básica para ser um bom curador, além de estar atento a 3 questões:

- 1) A partir do momento que compartilhamos algo, estamos endossando-o. Devemos prestar atenção ao que compartilhamos na web.
- 2) Na web, é mais poderoso saber ouvir do que falar.
- 3) Num mundo repleto de informações, as pessoas estão famintas por clareza, concisão e contexto.

De facto, a participação e a colaboração são as competências base do sucesso na internet. A curadoria, a título de exemplo, é uma forma de participação que pode aperfeiçoar informação recolhendo o conhecimento e contextualizando-o, o que permitir melhorar a credibilidade e atender às necessidades de informação dos outros utilizadores de do indivíduo simultaneamente. A habilidade de seleccionar a melhor opção e formatá-la de acordo com as preferências de cada um torna-se cada vez mais importante. "A participação é diretamente proporcional à inteligência coletiva", afirmou Rheingold numa palestra ministrada por Pierre Lévy.

Todos somos multitarefas. Porém, na maior parte do tempo, isso não é o ideal. Numa rede saturada de informações, é necessário manipular a atenção de acordo com suas prioridades. Didaticamente, Rheingold explicou que a atenção pode ser treinada: "Procurem respirar e não tomar decisões automáticas. Direcionem a atenção para a intenção". A primeira coisa que você deve fazer é procurar suas fontes, os sites onde pretender coletar essa informação. É bom ter algumas bases para começar. Estas podem ser algumas: Blogs, Canais de vídeo, Personalidades do Twitter, Páginas oficiais do Facebook. Qualquer coisa capaz de produzir um feed RSS é muito útil para a curadoria e a criação de canais de informação dedicados a um tema específico.

Então, há que familiarizar-se com algo que é fundamental. Tecnicamente, antes, era difícil de entender a busca persistente. Esta é a capacidade de definir uma busca por um tema e ser alertado a qualquer momento quando alguma coisa acontece, para que cada um possa descobrir coisas novas, mas pode-se descobrir também novas fontes de informação que não se conhecia antes. Ao reunir diferentes fontes, as que se conhece mais aquelas que se vai descobrir aos poucos, a principal parte do trabalho será selecionar, escolher aquelas que realmente valem, e novamente personalizá-las para o público, para o objetivo específico de comunicação que cada um configurou para si mesmo com esse canal ou fluxo de informação que está a criar.

#### **4. Playbor**

*"Do you know who profits from your participation?"*

(Rheingold, 2012, p. 134)

Rheingold defende que a tecnologia por si só não tem poder; são os indivíduos que detêm o poder ao saber aproveitar o que de melhor ela tem. E quando é utilizada da melhor forma todos têm a beneficiar quer a nível pessoal quer a nível profissional pois a circulação de conteúdos insere os indivíduos na produção de uma cultura digital e interativa deixando pistas na rede acerca daquilo que são os seus interesses:

"Every Facebook update, tweet, flicker photo, and YouTube video you upload contributes clues to what kind of media and media content might get your attention..." (Rheingold, 2012, p. 134)

Cada indivíduo deve ser um produtor de cultura digital, pois só consumi-la não é suficiente para o desenvolvimento humano, seja através de jogos, seja através da partilha e disseminação do conhecimento, mas há que ter sempre atenção naquilo que os outros estão a fazer com a informação publicada pois o próprio progresso social depende da forma como cada um utiliza a tecnologia:

" Technologies certainly can play a role, but the crucial thing to know is that the way people do things together via the technology is what accomplishes social progress, if any" (RHEINGOLD,2012, p. 138)

A indústria barateia o acesso às ferramentas de comunicação e cria redes de distribuição, enquanto o popular transforma a oferta de consumo em oportunidades para expressão, convivência e mobilização social (RHEINGOLD, 2002). A interação entre os participantes é incentivada, segundo a segundo, no sentido de qualificar, filtrar e classificar os conteúdos dos demais, tornando a produção e o uso entrelaçados, mas há que fazê-lo com cuidado. Aqui as ferramentas de detecção de "Spam" assumem um papel crucial pois quando criamos material digital e lhe indexamos a nossa identidade, estamos a influenciar o modo como a rede nos vê e o que pensamos sobre nós próprios.

## **5. Pegadas digitais**

*"How You Look to Others . . . and Yourself" (Rheingold, 2012, pag. 138).*

Ao vivermos e relacionarmos com os que nos rodeiam comportarmo-nos de formas diferentes. A forma como uma pessoa se veste e fala pode ser escolhida para transmitir uma determinada impressão.

A vida é uma performance. "Life is a performance, online and face-to-face" (Rheingold, 2012, pag. 139) Logo, a como construímos a nossa identidade digital (perfis) e forma como participamos online também é algo que escolhemos com um determinado objetivo.

Estamos conscientes que, ao vivermos digitalmente, deixamos uma "impressão" marcando a influência das nossas participações e na ideia com que os outros ficam acerca de nós. A nossa pegada digital e o nosso perfil. Um dos efeitos que o Facebook em muitos de nós é a forma como está transformando alguns aspetos da nossa vida social que até aqui tínhamos considerado mais "abstratos" e do domínio privado, mas que agora tornamos mais "concreto" e públicos. De facto o Facebook permite-nos publicar informações, que antigamente eram orais e efémeras, em formatos facilmente pesquisáveis, partilháveis, difíceis de remover (ao contrário do que muitos têm consciência) o que as torna permanentes. Podemos aprender sobre as pessoas analisando os seus perfis e o que publicam.

Ao colocarmos informações na rede estamos a construir a nossa “pegada digital” e ao escolher determinadas características para a identidade que estamos a definir no nosso “perfil digital”. As pegadas digitais e os perfis digitais, juntamente com uma participação consciente e coerente nas redes sociais, podem aumentar a notoriedade de um indivíduo, valorizá-lo e potenciar a sua presença social.

## 6. Utilizando o Twitter

*"Twitter Literacy"* (Rheingold, 2012, pag. 141).

Um das características mais determinantes para o sucesso de uma tecnologia é a forma como o ser humano a compreende e se envolve com ela. De facto a utilização simples do *Twitter* permitiu que fosse utilizado por um número sempre crescente de pessoas tornando--se uma plataforma para inovações e intervenções sociais.

Para *Rheingold*, as razões para utilizar o *Twitter* são:

- Abertura: qualquer um pode participar
- Imediatismo: as publicações estão sempre a ser atualizado
- Variedade: todos os assuntos são possíveis
- Reciprocidade: os utilizadores perguntam mas também podem responder
- Uma plataforma para vários tipos de públicos
- Assimetria: não existe obrigação de seguir quem quer que seja
- Uma forma de conhecer novas pessoas
- Uma janela para o que está acontecendo no mundo
- Possibilidade de formar uma comunidade
- Uma plataforma para a colaboração em massa
- Pesquisável: possibilidade de pesquisar o que está a ser partilhado

Simplificando, a utilização do *Twitter* depende de saber como seguir determinadas pessoas e como alimentar, com publicações nossas, a rede dos nossos seguidores.

## **7. Boas Práticas**

Cada computador, ou smartphone, é uma ferramenta de organização para o crescimento de comunidades ou mercados. O conhecimento, o poder, a vantagem, a amizade e as influências estão com aqueles que sabem como participar e não com aqueles que apenas consomem cultura passivamente. A arquitetura de participação na internet permite a todos nós agirmos no nosso próprio interesse, de forma a criar valores para todos. Esta participação online aponta para dentro e para fora: é sobre o desenvolvimento pessoal mas e também de construirmos coisas juntos... cooperativamente.

Estamos a viver nos primeiros anos da emergência de uma cultura participativa. Agora as pessoas veem-se a si mesmos como capazes de criar, bem como de se assumir como diferentes tipos de cidadãos e de ações coletivas que se somam a um tipo diferente de sociedade. A nossa participação pode começar com atividades leves, como pesquisas e utilização de serviços de partilha de endereços de conteúdos preferidos (como o Diigo) e edição de páginas Wikis. Mas, depois estas competências desenvolvem-se então para maior envolvimento com a atividade relacionadas com a curadoria, comentando a seleção e organização efetuada pelo próprio, passando pela criação de blogs e comunidades.

A consciência das nossas pegadas digitais e os impactos de nossos perfis digitais deve anteceder a nossa participação on-line consciente. Devemos de pensar antes de publicar algo, porque suas ações digitais são fáceis de encontrar, reproduzir e disponibilizar para as pessoas que não conhecemos, e permanecerão disponíveis para todos eternamente.

O primeiro passo para a participação inteligente é aprendermos as normas e os limites de uma cultura on-line , quer seja uma comunidade virtual ou subcultura online. Numa participação online devemos sempre mostrar boa vontade para compreender os outros, principalmente em situações propícias a mal-entendidos. Muitas vezes sentimo-nos atacados mas provável seria tratar-se de um mal-entendido. Neste caso é uma boa ideia primeiro pedir educadamente para esclarecimentos.

Quando nos estamos divertindo on-line, às vezes, alguém está lucrando com isso. É o caso dos jogos online ou espaços de entretenimento que vigiam a nossa participação para terem um ganho específico. Devemos estar conscientes de que a nossa participação online poderá estar a ser explorada por alguém.

## Conclusão

As pessoas que realmente criam uma cultura na qual elas participam – seja comentando num blog, organizando uma wiki, participando de uma comunidade virtual ou outras centenas de formas de contribuir para a cultura online –, veem-se como cidadãos ativos, contribuintes da inteligência coletiva e não apenas como meros consumidores passivos de uma cultura criada por outros.

No entanto, a mídia digital e as redes, efetivamente, só empoderaram apenas as pessoas que aprendem como usá-las – e representam um perigo para aquelas que não sabem o que estão a fazer. É extremamente fácil encaminhar-se para a distração, cair em desinformação, prestar atenção ao fragmento em vez do que é central, porém essas tentações mentais representam riscos apenas para uma mente não treinada. Aprender a disciplina mental para usar as ferramentas de pensamento, sem perder o foco, é o segredo para obter aquilo que a web tem a oferecer.

Aquelas pessoas que não possuem as literacias fundamentais como a atenção, a detecção de lixo, colaboração e consciência sobre a rede correm riscos a respeito de todas as armadilhas apontadas – superficialidade, credulidade, distração e vício. A preocupação presente e futura acerca da participação em rede é os bilhões de pessoas que estão a obter acesso à net sem a menor ideia de como encontrar conhecimento e verificar sua veracidade; como reivindicar e participar, mais do que consumir passivamente; como disciplinar e desenvolver atenção num ambiente sempre online; como e por que usar aquelas proteções de privacidade que continuam disponíveis num ambiente cada vez mais intrusivo.

Neste capítulo, Rheingold demonstrou que as redes não são mágicas e saber os princípios pelas quais elas operam confere poder ao conhecimento. Isto porque temos que ser constantemente filtros uns dos outros; detetar o lixo e aniquilá-lo; estar atento para podermos interiorizar a cultura participatória online onde a colaboração se torna expoente máximo. Cada um de nós não deve esquecer que a maneira como usamos os *mídia* digitais é o que influencia a forma como as pessoas pensam e o que pensam, é a nossa "pegada digital".

## Bibliografia:



AMSTEL, Frederick M. C.(2008).Das interfaces às interações: design participativo dp portal Broffice.org. Curitiba. Dissertação (Mestrado em Tecnologia) - Programa de Pós-Graduação em Tecnologia.UTFP. acessido através de [http://multimidia.usabilidoido.com.br/dissertacao/interfaces\\_interacoes\\_final\\_web.pdf](http://multimidia.usabilidoido.com.br/dissertacao/interfaces_interacoes_final_web.pdf) em 16.01.2014

GOMES, Elisabeth (2002). *Exclusão digital: um problema tecnológico ou social?*. In: *Trabalho e Sociedade*, Instituto de Estudos do Trabalho e Sociedade, v. 2, n. número especial

O'REILLY, Tim , “[The Architecture of Participation](#),” O'Reilly About, March, June 2004. Blog post. acessido através de [http://oreilly.com/pub/a/oreilly/tim/articles/architecture\\_of\\_participation.html](http://oreilly.com/pub/a/oreilly/tim/articles/architecture_of_participation.html) em 08-01-2014

RHEINGOLD, Howard'(2012).*Net Smart: How to Thrive Online.*'The MIT'Press'

<http://www.russellwebster.com/wp-content/uploads/2012/09/Rheingold-participation.jpg>acessido em 27-01-2013

[http://en.wikipedia.org/wiki/Howard\\_Rheingold](http://en.wikipedia.org/wiki/Howard_Rheingold) acessido em 16-01-2014

<http://portal.eusoufamecos.net/cinco-licoos-para-a-comunicacao-em-rede> acessido em 18-01-2014

[http://br.masternewmedia.org/2011/09/03/content\\_curation\\_e\\_o\\_futuro\\_das\\_buscas.htm](http://br.masternewmedia.org/2011/09/03/content_curation_e_o_futuro_das_buscas.htm) acessido em 18-01-201

## Artigo grupo 4 1314



GRUPO 4:

## Inteligência Coletiva

O Homem ao afastar-se da autossuficiência e ao envolver-se em processos colaborativos ampliou a chance de sucesso e tornou-se especialista nas tarefas a desempenhar. Esta articulação pode ser representada pela equação “cooperação + especialista=inovação”.

Ao desenvolver capacidades especializadas o homem valorou o seu produto, através da articulação de potencialidades conjuntas.

No percurso evolucionista humano, o Homem deparou-se com um conjunto de limitações: para além de pequenos, os homínídeos eram lentos e desprovidos de garras, presas, ou mesmo asas num ambiente hostil onde a lei do mais forte predomina. De modo a superar estas dificuldades, os homínídeos utilizaram a sua capacidade cerebral de processamento de informação e as apetências sociais de modo a sobreviver. Podemos então afirmar que o ser humano, devido às condições em que evoluiu, tem uma aptidão inata para a colaboração (instinto social) com seres da sua espécie, facilitando a sua adaptação ao ambiente em que vive. Graças à sua superior capacidade craniana (demonstrativa de um cérebro maior) e ao seu raciocínio, o Homem desenvolveu uma cultura, que o autor define como *“comunicação simbólica, aprendizagem por imitação (que requer prestar atenção aos outros), e metodologias cooperativas como a dança e o ritual”* (Rheingold,2012, p. 151) o que o distanciou de todas as outras espécies. As funções cerebrais humanas são as mais complexas do reino animal, estando vocacionadas para processar informação social: o reconhecimento facial, distinção entre certo e errado e o confiável e desconfiável. A socialização humana saiu ainda mais fortalecida com o aparecimento da linguagem pois agilizou a homogeneização de comportamentos e atitudes. *“O conjunto de invenções sociais e culturais humanas auto compôs o sistema de comunicação-cooperação-inovação que nos impeliu da savana ao topo civilizacional, incluindo punição, linguagem, tecnologia, inteligência individual e inovação, criação de acordos recíprocos, sistemas de prestígio, e soluções de coordenação.”* (idem, p.151).

Ainda que o instinto biológico da socialização evoluísse geneticamente durante

milhões de anos, o autor (Rheingold,2012,p.150) salienta que a evolução das competências de cooperação esteve subjacente ao desenvolvimento do

sistema simbólico, que possibilitou a organização do indivíduo e do grupo em torno de dinâmicas socioculturais, através da criação de instituições. Estas instituições (como a cultura) aceleraram a transmutação da cooperação humana do nível biológico para o cultural (Rheingold,2012,p.151).

O aparecimento de uma comunicação elaborada permitiu ao Homem organizar ações coletivas, dando-lhe a capacidade de construir civilizações. Nesta perspectiva, Rheingold(2012) define o Homem como “supercooperador”, o que se pode traduzir em constantes inovações que visam melhorar as capacidades humanas, por outras palavras, a cooperação e a inovação mantêm uma relação simbiótica na evolução humana.A colaboração/cooperação mencionada no parágrafo anterior foi-se complexificando à medida que o Homem caminhava da savana em direção ao topo. Atualmente, com as inovações técnicas, a colaboração atingiu níveis nunca antes conquistados, tratando-se, por isso, de colaboração em massa. O autor apresenta quatro entendimentos sobre as habilidades que se deve ter em conta na introdução colaboração online:

- A atenção é o pilar da colaboração social;
- Os humanos são supercolaborantes;
- As instituições sociais inovadoras evoluem em conjunto com os meios de comunicação;
- Cooperação recíproca, punição de não cooperadores, e sinalização da boa vontade na cooperação.

Com a vivência em sociedade, é normal que surjam dilemas sociais, ou seja, conflitos entre os interesses individuais e as ações coletivas. Estes problemas estão relacionados com o consumo e o suprimento de recursos e podem por em causa os interesses coletivos. Neste sentido, algumas comunidades criaram um conjunto de regras que evitam os dilemas sociais:

- definição dos limites do grupo;
- as regras de utilização dos recursos coletivos correspondem às reais necessidades;
- as regras podem ser alteradas e modificadas pela maioria dos indivíduos;
- as regras de uma comunidade devem ser respeitadas pelas autoridades externas;
- existe um mecanismo de controle do comportamento dos membros do grupo;
- existem sanções;
- os membros do grupo tem acesso a mecanismos de resolução de conflitos;

- são criadas empresas que controlam os recursos comuns e mediam a resolução de conflitos.

A colaboração online assenta nos seguintes princípios ( Rheigold,2012,pp. 153-

15

5):

- Networking - assistindo conferências, participando em fóruns, etc.;

- Coordenação – as partes envolvidas partilham informação e concordam modificar as suas atividades para benefício mútuo;

- Cooperação – troca de informação, modificação de atividades e partilha de recursos para benefício mútuo e atingir um propósito comum;

- Colaboração – meio mais importante da ação coletiva pois envolve todos os outros já mencionados. Utiliza a comunicação para organizar a ação coletiva – os média sociais amplificam essa ação.

Na sociedade uma nova narrativa surge dando lugar ao entendimento coletivo (em substituição de dinâmicas competitivas). O que a teoria da cooperação nos ensina sobre a vida online nos nossos dias:

1 – retribuição e perdão, devemos mostrar interesse pela cooperação;

2 – contribuição pública sem esperar retribuição;

3 – trabalho recíproco;

4 – definição da identidade do grupo;

5 - Introdução de pessoas e redes para encorajar a interdependência;

6 – criação de instituições de ação coletiva que ajudem a desbloquear dilemas sociais;

7 – punição da batota.

O que podemos aprender sobre a teoria da colaboração sobre a vida online:

- 1 – pequenas conversas reforçam a confiança;
- 2- passagem do benefício mutuo para os interesses comuns;
- 3 - correr riscos para se demonstrar que a nossa atividade é em prol dos objectivos comuns;
- 4 – sê generoso;
- 5 – troca de conhecimentos com os restantes colaboradores da comunidade.

### **A Internet como elemento potenciador da inteligência coletiva**

A internet é um dos exemplos mais característicos de cooperação, onde

diferentes especialistas contribuem para uma visão do conhecimento, que promove a partilha à acessibilidade e a comunicação entre usuários e informação sendo conhecido como um fenómeno de colaboração em massa. A combinação desta arquitetura de participação (O'Reilly) com normas sociais como confiança, partilha e reciprocidade veiculou a realização de tarefas conjuntas, de forma inovadora. A colaboração em massa revolucionou a forma como usamos a internet, encontramos informação, como agregamos o conhecimento e conduzimos a ciência e desenvolvemos software. A Internet veiculou uso das potencialidades do computador, quebrando as fronteiras do pensamento individual. Não é fácil pensar no comportamento humano, hoje em dia, sem interpretar a influencia da colaboração em massa. Ainda que em grande parte a cultura seja veiculada por instituições tradicionais, e esta forma de colaboração seja relativamente recente, o utilizador digital deveria saber como funciona. A utilização das ferramentas (sociais) Web2.0 permite que sejamos incluídos na inteligência coletiva da web. As competências digitais e ferramentas que as capacitam fazem parte duma visão global sobre o ser humano, que assume esta apropriação de poder conjunto, através da procura de soluções sustentáveis e cooperativas. Pensar sobre as interdependências potencia a visão sistémica essencial à sobrevivência sustentável de espécie.

## Competências chave da cooperação

Pensar sobre as interdependências potencia a visão sistêmica essencial à

sobrevivência sustentável de espécie. A web ampliou esta interpretação. Introduziu o campo de informação, comunicação, análise e debate/procura de soluções mas, ao mesmo tempo, exige que algumas competências chave do processo de cooperação sejam apropriadas:

- Atenção – é um elemento basilar da cooperação social- prestar atenção ao Outro (literalmente)

- Os humanos são seres “*supercooperantes*”(Rheingold, 2012 p.149) porque aprendemos

a desenvolver ferramentas, competências e métodos que nos permitem ultrapassar dilemas sociais. Estas ferramentas moldaram e aumentaram a capacidade cognitiva ao desenvolver mecanismos que possibilitaram a extensão do nosso pensamento para lá do individual possibilitando o pensamento conjunto, conectando-o com o processo de inteligência coletiva.

- A reinvenção da instituição sociocultural expande-se e é desenvolvida, conjuntamente com os média comunicacionais, no sentido de criar diferentes moldes de funcionamento adaptados a diferentes realidades e acrescentar valor coletivo.

- O valor da reciprocidade - valorizar os processos cooperativos, punindo os não cooperativos (punição altruísta) e integrar ligações que fortaleçam os laços de reciprocidade nas comunidades.

Devemos ponderar o aproveitamento das capacidades inatas para cooperar assim como potenciar o fortalecimento dos laços sociais e das relações de reciprocidade. As

comunidades virtuais são “*tecnologias de cooperação*” (Rheingold, 2012 p.151).

A

cooperação é um dos elementos basilares da inteligência coletiva.

As novas tecnologias criaram novas formas de colaboração em massa: inteligência coletiva, comunidades virtuais, produção virtual, *crowdsourcing* e colaboração wiki.

## Formas de Colaboração em massa

### Inteligência coletiva

Henry Jenkins escreve que a inteligência coletiva refere-se à situação onde

ninguém sabe tudo, todos sabem algo, e o que os membros da comunidade sabem está disponível a todos os outros.

A Wikipédia é um produto de inteligência coletiva culturalmente evoluída que integra grandes e pequenos contributos de muitos, resolve disputas e mantém procedimentos de auto reabilitação e de proteção contra vandalismos. Com o conhecimento de todos, a ciência, uma das mais importantes formas de inteligência positiva, pode ser construída através da colaboração em massa.

Pierre Lévy vê a inteligência coletiva como um agregador de competências, entendimentos e conhecimentos. Lévy argumenta que uma nova arquitetura coletiva de poder está a emergir no ciberespaço. Esta dinâmica alimenta-se das capacidades de grupos/pessoas para fabricar conhecimentos (cibercultura), colaborar na pesquisa, no debate e interpretação, mobilizada através dum processo colaborativo que aperfeiçoa a sua visão do mundo. A inteligência coletiva na Web é amplificada pela colaboração em massa, veiculada pelos média e vinculada à dinâmica da rede (sem hierarquia de poder), permitindo assimilar as pequenas contribuições, dos múltiplos participantes, em grandes repositórios de conhecimento. No ciberespaço um outro nível de inteligência coletiva emerge. O ciberespaço e a cibercultura alteraram as formas de socialização, de transmissão e de aquisição de saberes. A conectividade permitida pelo ciberespaço trouxe o compartilhamento de ideias e a construção de conhecimento em rede.

A liberação do polo de emissão, o princípio da conexão em rede e a reconfiguração de formatos midiáticos e práticas sociais favorecem a emergência da Inteligência Coletiva que pode ser percebida em Comunidades Virtuais. A Inteligência Coletiva no ciberespaço, na verdade, potencializa uma situação já existente: conceitos e ideias circulam entre nós e é difícil apontar a quem pertencem.

O processo de inteligência coletiva evidencia o desenvolvimento de novas competências, sendo essencial criar sinergias entre a gestão do conhecimento pessoal e coletivo. Assim é imprescindível associar esforços na procura de fontes de informação, assim como filtrar, selecionar e categorizar informação (curadoria). Decidir qual a informação a reter – de forma a podermos partilhar o conhecimento pessoal em grupo/comunidade através de ferramentas sociais (bookmarking, blogue, twitter).

Devemos atribuir valor à informação que encontramos, ao acrescentar a nossa

opinião crítica. As competências associadas ao processo colaborativo e à curadoria são essenciais à Inteligência coletiva. A análise da obtenção de sucesso, no processo de inteligência coletiva, não apresenta uma correlação linear com os

níveis de inteligência individual (QI) mas com competências sociais e comunicacionais e com a diversidade do grupo.

Alguns aspetos podem potenciar este processo: Encorajar a conversação casual, a diversidade do grupo, prática de dinâmicas colaborativas e a facilitação de contribuições.

### **Comunidades Virtuais**

O termo Comunidade Virtual é atribuído a Howard Rheingold que a define como: “agregados sociais surgidos na rede, quando os intervenientes de um debate levam por diante em número e sentimento suficientes para formarem teias de relações pessoais no ciberespaço” (Rheingold, 1994:18).

As Comunidades Virtuais proporcionam a ativação da Inteligência Coletiva a partir da dinâmica de redes, na qual cada participante é um ponto e todos os pontos são fundamentais para que a rede se constitua.

O interessante nas possibilidades que se abrem com a emergência de uma nova inteligência é que se trata de uma inteligência coletiva, ou seja, estamos na direção de uma potencialização da sensibilidade, da percepção, do pensamento, da imaginação propiciadas por novos dispositivos, mídias e ferramentas que permitem novas formas de cooperação e coordenação em tempo real.

Sempre houve alguma forma de inteligência coletiva, na medida em que o homem é um ser social, se pensarmos em nossa rotina e em nossos círculos de relações diárias, vemos que fazemos parte de todo tipo de Inteligência Coletiva, seja no nível familiar, profissional, pessoal ou acadêmico.

Muitas vezes dizemos que determinado ponto de vista sobre um assunto foi elaborado por nós, quando na verdade ele é fruto de nossa convivência com outras pessoas que compartilham da mesma opinião. Haverá alguma ideia de autoria exclusiva ou todas elas são reconfigurações daquilo que já existe e fruto de dialogismos com textos lidos, ouvidos, conversas, reflexões com nossos eus?

### ***CrowdSourci ng***

Representa uma forma de colaboração em massa onde se efetua a união de

diferentes esforços/contribuições (cada participante/voluntário pode contribuir através duma multiplicidade de formas) efetuada pela distribuição de tarefas em

prol dum objetivo comum. O poder multifacetado do *crowdsourcing* redonda da procura de soluções sustentáveis para problemas massivos, veiculada pela organização de ações, distribuição de tarefas, aos voluntários Online, que se coaduna numa agregação coletiva de esforços. Tal como a inteligência coletiva o *crowdsourcing* está a transformar/influenciar diferentes campos (Rheingold,2012,p.168).

## **Produção social**

Os média digitais e as redes representam novos meios de produção/distribuição

económica, viabilizando formas de produção social, que afetam múltiplas dimensões vivenciais. Esta dinâmica efetua-se, sobretudo, pela valorização da reputação pessoal, conhecimento de novos pares e contribuição para o bem comum (recompensa intrínseca à partilha). A produção digital veicula a importância do consumidor/autor na produção da cibercultura.

## **Colaboração Wiki**

As plataformas Wikis destacam uma mudança paradigmática na colaboração em

rede (Rheingold,2012,p.181) pois designam artefactos criados por comunidades em vez de autor(res). Acrescem reconhecimento ao valor da comunidade, designado através da ação colaborativa que fomenta a partilha de saberes, a discussão e o entendimento entre pares e pela capacidade ampliada de proteção de vulnerabilidades, perfilhada pela comunidade, o que atribui valor ao conteúdo.

Todos os formatos anteriormente expostos designam formas de colaboração em rede. A colaboração é vista por Rheingold (2012) como uma literacia essencial à utilização consciente e inteligente dos média digitais.

Referências:

Rheingold, H. (2012) Net Smart, How to thrive Online, The MIT press, Cambridge, Massachussets, London England Capitulo 4.

Carvalho, J. Ericleidson J. Leão M.I. Soares, MSP, Czeszak, WAAC. Educação na Cibercultura: comunidades de aprendizagem para mobilização da inteligência coletiva. PUC – São Paulo - 2008 – [www.gruponos.net](http://www.gruponos.net)

## **Artigo grupo 5 1314**

### **Grupo 5: O Indivíduo Conectado. Redes Sociais e Capital Social**

#### **A importância das redes**

A sociedade... O todo torna-se maior que as partes. O conjunto de seres humanos tem propriedades que não existem individualmente e que permitem produzir coisas que antes não seria possível.

Já aconteceu de certeza conhecer um estranho numa festa e acabar por descobrir que é amigo de um antigo amigo de escola ou colega de futebol de um colega do trabalho.

Em 1967 o psicólogo social Stanley Milgram demonstrou que a expressão “é um mundo pequeno” não é apenas um cliché. Milgram escolheu 300 indivíduos no Omaha e Wichita e cada um tinha que tentar fazer chegar uma carta sabendo apenas o nome do destinatário e a indicação da cidade Boston. Os indivíduos tinham que tentar fazer chegar a carta enviando-a para a pessoa que pensavam estar mais próxima do destinatário, cada pessoa da cadeia tinha que escrever o seu nome no envelope. Parecia uma tarefa impossível. 64 cartas chegaram ao destinatário e tinham passado em média por 5.5 pessoas.

O número seis é apenas um exemplo, mas a verdade é que as cadeias de relação têm sempre um número pequeno. É o chamado fenómeno do pequeno mundo.

Vários investigadores abordaram o tema e deram valiosos contributos como Watts e Strogatz que estudaram o comprimento das ligações. Lazlo comparou as redes sociais com as redes metabólicas, redes de colaboração científica e as redes ecológicas. Leskovec e Horvitz estudaram a rede de comunicações digital Microsoft chegando a um resultado aproximado do de Milgram 6.6.

A partir do momento em que passou a existir o cidadão digital as ligações das redes encurtaram. Cada um dos cidadãos digitais tornou-se um nó da comunicação digital. Nós com poucas ligações e supernos com milhões de ligações.

Vamos imaginar um círculo com vários nós, ligando-os intercaladamente, formamos uma rede muito agregada de ligações onde a comunicação entre alguns indivíduos ainda tem que percorrer ligações extensas, bastando-nos criar ligações aleatórias entre os membros para transformar a rede numa small-world network, permitindo que os indivíduos comuniquem com nós mais distantes percorrendo um caminho mais curto na rede.

Desenhemos uma nova rede. Os nós que existem em maior número beneficiam com o aumento da acessibilidade a outros nós que não se encontram na sua vizinhança, aumentando a sua capacidade de troca de informação na rede.

Os supernos, que existem em menor quantidade, têm um número de links muito superior aos dos nós mais comuns, gerando um maior volume de tráfego de informação.

Por fim surgem também nós cujo valor é conseguir conectar redes distintas e que de outra forma não iriam interagir.

Podemos então verificar que a internet está interconectada por um grande número de nós de baixo grau e poucos supernos.

Num gráfico de distribuição normal verificamos que existe um número médio de nós com um número médio de links. Como quando medimos os membros de uma turma, a maioria estará nos valores médios de altura.

Na distribuição do poder verificamos que o menor número de nós é o detentor do maior número de links, logo maior tráfego implica maior poder.

A liberdade que cada nó tem na rede para se conectar com outros nós influencia a rede.

Quem tem poder para comunicar com quem?

Para Sarnoff, um pioneiro da televisão e rádio, o valor da rede aumenta aritmeticamente com o número de recetores.

Para Metcalf, criador da Ethernet, o valor da rede era resultado da multiplicação de nós por eles próprios e que determinava o número de ligações.

David Reed, o arquiteto da internet, observou que muitas redes também serviam de plataformas de formação de grupos, o que aumentava muito o valor destas redes. As pessoas já não se conectavam somente entre elas, criavam novos grupos que até então não existiam. A rede via assim o seu poder crescer exponencialmente.

De pende então de cada rede o tipo de poder que pretende criar.

Se Sarnoff estava mais ligado à televisão, esta agora quer se ligar mais á lei de Reed e ver o seu valor crescer exponencialmente.

Não esquecer que na lei do poder os nós que existem em pequena quantidade também são aqueles menos comuns mas que acabam por agregar público com os mesmos interesses mas do mundo inteiro, criando redes únicas.

Ao juntar grupos com interesses especiais e seguindo a lei da formação das redes de grupos, a escalas da internet cresceu, assim como o seu valor e uso, transações que antes se faziam fora da internet tornaram-na o seu campo de competição.

Os conteúdos tornam-se reis e é segundo o seu valor que se captam users. Na lei GNF (group forming networks) o valor da rede é construído em conjunto pelos membros que a frequentam.

Segundo Castells a melhor forma de designar a sociedade atual é “sociedade em rede” e não “sociedade da informação”. Para este autor a sociedade em rede está a transforma a sociedade de sete formas:

1. A informação transita de forma global e praticamente instantânea, globalização;
2. As redes competem entre si pelo controlo das burocracias;
3. As redes civis e políticas que surgem devido a situações de crise;
4. Os ativistas estão a reconstruir a sociedade civil a nível local e global;

5. As redes individuais e comunidades virtuais estão a redefinir a sociedade;
6. Os média – espaço público do nosso tempo – ocupa todas as áreas sociais;
7. Na sociedade em rede o poder continua a ser uma força estruturante que lhe dá uma forma e direção. Mas este poder não existe em instituições ou corporações mas sim nas redes.

As redes já não são simples, rígidas ou estritamente ligadas às elites do poder como noutros momentos da história e a possibilidade de estarmos sempre presentes, a ubiquidade da rede, está a redesenhar a forma como fazemos tudo hoje.

As forças invisíveis da rede modificam os comportamentos do público das redes e entender estas forças é importante no entendimento das transformações que estão a decorrer e que nos envolvem. Estes fenómenos influenciam a forma como recebemos a informação e como distribuímos a nossa

## **Análise social das redes digitais**

As redes de ligações complexas que ligam pessoas a outras pessoas, documentos, locais, conceitos e outros objetos. Existem agora novas ferramentas capazes de recolher, analisar, visualizar e vislumbrar as coleções das ligações formadas por bilhões de mensagens, links, posts, edições, fotos e vídeos, análises e críticas.

Os meios sociais surgiram como uma plataforma ampla para a interação humana. Mas os laços invisíveis que nos unem estão cada vez mais e possíveis de ser interpretados pelas máquinas. Surgiu uma nova oportunidade para mapear as relações sociais com um detalhe e numa escala nunca antes vista. A estrutura complexa que emergiu da rede pode ser agora estudada e analisada por programas e mapas gráficos que ajudou a desenvolver as ciências de análise das redes digitais captando a forma e as encruzilhadas de uma paisagem de nós e ligações.

Estes mapas permitem-nos orientar em novas paisagens que antes eram desconhecidas.

Apesar da SNA (social network analysis) preda a rede, tornou-se uma ferramenta poderosa de exploração da sociabilidade online. Os nós e ligações estudados pela SNA representam parentescos, amizades, mera convivência, transações financeiras, relações sexuais ou hierarquias de prestígio, as ligações que conectam dois nós podem ser amplas. Já existem atualmente ferramentas que nos permitem desenhar diagramas das nossas relações do Facebook.

Desta forma as redes podem ser analisadas de diversas formas. A força das ligações é apenas uma das vertentes. No sistema social, a nossa centralidade (a forma como nos conectamos com os diferentes nós que fazem parte da rede) pode ser mais benéfica que a quantidade das ligações que mantemos. Imaginemos que nos encontramos no desenvolvimento de um projeto científico, é mais vantajosa uma posição central onde podemos aceder a toda a informação, mas numa situação de epidemia os indivíduos que se encontram no centro têm uma maior probabilidade de contágio e ocupar uma posição na orla da rede é mais vantajosa diminuindo a probabilidade de ficarmos doentes.

Outro termo importante para a SNA é ponte, que descreve a posição na rede que permite a uma pessoa ligar duas redes distintas, a pessoa/ponte assim como as redes podem beneficiar destas ligações.

Marc A. Smith criou o jargão “Capital social, capital de conhecimento e comunhão”, para explicar o porquê dos ciberconautas despendem tempo, informação e ajuda entre si. Uma explicação concisa que perdurou.

Mark Granovetter investigador da Universidade de Stanford escreveu o artigo “A força das ligações fracas”, para ele a força das ligações é uma combinação do tempo, envolvimento emocional, de intimidade e das ajudas recíprocas que caracterizam a ligação. Assim, ligações fortes implicam que as pessoas que as formam são parecidas e não existe uma grande variedade de informação. Em redes altamente agrupadas e onde a finidade entre os membros é muito alta todos recebem as mesmas notícias, que partilhem as mesmas opiniões e procurem a mesma informação. Granovetter descobriu que as ligações fracas podem ser importantes na procura de nova informação e na simulação de inovações. Ele demonstrou que seriam mais úteis, para alguém que procura trabalho, muitas ligações fracas, que era importante uma grande e diversificada rede de ligações fracas.

Granovetter também sublinhou a importância das ligações ausentes, ligações que já existiram e com as quais perdemos contacto. Os nossos antigos vizinhos, colegas de carteira ou trabalho assumiram um papel importante na sociedade em rede e o Facebook foi a grande plataforma de mudança. Os média online permitiram manter os laços latentes a um baixo custo, o que pode ser uma bênção ou uma praga.

Os tecelões modernos da rede, sublinham a importância de manter um misto de ligações fortes e fracas e ativar os laços latentes.

Smith, atualmente consultor independente na aplicação de SNA, adverte “Sê uma ponte”, numa rede, como na vida real, a característica mais valiosa é localização, localização, localização.

Onde nos encontramos na rede, em relação aos outros? Quem e quais os grupos que estão ligados ou que podem ajudar a ligar? Se olharmos para um gráfico da rede podemos observar que a pessoa que mantém mais ligações nem sempre é a mais poderosa. Não nos devemos fixar no número de ligações, mas sim na qualidade e na variedade do nosso portfolio dessas ligações. Vale apenas ligarmo-nos a pessoas menos importantes e menos ligadas se são diferentes das pessoas que normalmente habitam a nossa rede.

O MITRE desenvolveu uma pesquisa promovendo blogs e fóruns para discutir a questão “Quem sabe quem sabe o quê?” e chegou à conclusão que as ferramentas permitiram que alguns se tornassem brokers entre diferentes grupos, empresários da rede que aumentavam o potencial das redes oferecendo-lhes contactos que aumentavam a sua capacidade de realização de objetivos.

Centralidade autovetor, um termo para nerds da SNA, mas que faz todo o sentido para as listas de links que surge quando pesquisamos no Google. Todos reconhecem que nem todos os links são importantes mas que um eixo com muitas ligações permite-nos adquirir ligações por proximidade. Tornar-me uma fonte de confiança repetidamente fortalece as minhas ligações a um superno onde as pessoas se ligam e utilizam e beneficiam por me partilharem. Temos que nos tornar contribuintes, alimentando a partilha, para aumentarmos o poder de atenção no supernó.

Está a vida online a enriquecer a nossa existência?

Muitas pessoas passam demasiado tempo online, outras bebem demais. Algumas só pensam em dinheiro. É claro que a alienação existe e os sistemas económicos e a indústria do entretenimento tem alguma responsabilidade. Alguns teóricos da análise política da influência dos média como Michel Foucault, Theodor Adorno e Max Horkheimer, Jean Braudillard e outros, situam que a criação da ilusão dos média convém ao sistema de controlo capitalista, e devemos ter em conta isto ao palmilhar a enorme quantidade de informação existente na web.

Desta forma, que tipo de valor pode ser criado e destruído pelas ligações fracas e fortes das redes digitais? Wellman, do NetLab da Universidade de Toronto, um ativo usuário dos média digitais reconhece que todas as nossas atividades na web, lazer ou trabalho estão envolvidas pelos sistemas político, económico e social que nos envolvem. As pesquisas do seu grupo puseram em dúvida as teorias que advogavam a alienação provocada pelas relações mediadas por computador. Dos pequenos grupos, onde todos se conhecem pessoalmente e partilham relações pessoais fortes, evoluiu-se para um individualismo em rede, grupos grandes e dispersos onde os membros não se conhecem entre si as relações são vagas e limitadas. Mas Wellman também aponta para os nossos receios relativamente a este novo espaço como uma reação ao longo da nossa história a todos os novos espaços, algo que faz parte de nós. Ele aponta a Web como uma forma de ligar pessoas organizações e conhecimento. Existem instituições sociais que não devem ser estudadas em isolamento mas integradas no nosso dia-a-dia. As redes digitais permitiram criar grupos de solidariedade e retomar relações perdidas. A internet aumenta o capital social e devem ser desenvolvidas ferramentas que auxiliem a navegar nestas complexas e fragmentadas sociedades em rede.

A tradicional organização de vizinhança está a deslocar-se para comunidades dispersas geograficamente que se encontram no meio digital. Numa rede digital individualista, para além de depender da comunidade física, do seu capital social próximo, os indivíduos procuram fora dela pessoas e recursos para diferentes situações a que a sua comunidade próxima não consegue responder.

A tecnologia colocou o indivíduo no centro, retirando o tradicional papel do meio e do grupo, requer um grande esforço para uma adaptação de sucesso a um mundo em permanente movimento, onde as regras e habilidades mudam rapidamente, os interesses comerciais podem restringir a liberdade na rede. Assim o conhecimento que detemos sobre a rede onde nos movimentamos é essencial para a integração ou alienação nela, para o enriquecimento pessoal e da comunidade.

## **Individualismo na rede**

O individualismo da rede é a base da comunidade, a pessoa, em vez da família ou grupo, é a unidade primária da conectividade. Nos primeiros anos da existência dos telemóveis a primeira questão colocada durante a conversa era “Onde estás?”, porque pela primeira vez a pessoa com quem estávamos a falar podia estar em qualquer local a comunicar connosco. A tecnologia mudou o centro da comunidade para o indivíduo. Frequentamos lugares online, mas também somos o centro nas redes Facebook ou Twitter.

Surge assim a tripla revolução, como lhe chamam Rainie e Wellman, com a ascensão da internet pessoal, dispersão rápida da informação e meios de comunicação, mudança dos grupos para redes digitais. Esta última mudança deve-se ao facto de as sociedades nas redes serem mais permeáveis a interações diversas, podemos interagir com diversas redes ao mesmo tempo e a hierarquização é menos explícita.

A Web deixou de ser um sítio especial e passou a ser parte da nossa atividade. Rainie e Wellman apresentam então uma descrição do tipo de pessoa que vai prosperar nas redes sociais, onde o individualismo tem um papel importante.

- Todos aqueles que de forma autónoma promovem a sua rede e marca pessoal.
- Aqueles com uma grande e diversa rede digital. Quando necessitam de resolver um problema surge sempre algum tipo de ajuda.
- Aqueles que conseguem funcionar eficientemente em contextos diferentes ou colapsados. A primeira regra é conhecer as normas que regem as redes online de forma a conseguir participar nelas.

- Aqueles que sabem gerir os seus limites. Tem que existir um entendimento do que se quer tornar público e quais os públicos a que pretendemos que a informação chegue.
- Aqueles que gostam, usam e são ágeis com a tecnologia.
- Aqueles que sabem gerir o seu tempo, especialmente os multi-taskers.

## Capital Social

Nas sociedades, dilemas coletivos despoletam ações de cooperação para benefício mútuo.

Uma das normas da formação e comunicação em redes digitais é que o critério mais importante para obter ajuda é ajudar alguém, responder a emails, responder a questões de estranhos em fóruns e outros tipos de comportamentos que nos fazem perder tempo são formas de participação online e a forma de comportamento numa sociedade de redes digitais.

O capital social, as redes sociais digitais de confiança e as normas de reciprocidade permitem que os promotores destes grupos consigam realizar coisas que de outra forma lhes teria sido impossível concretizar.

O termo capital social surgiu nos anos 70 com o teórico Pierre Bourdieu que o descreveu como sendo o conjunto dos recursos disponíveis a uma pessoa e que resultam das relações sociais duradoras. Nos anos 90 o sociologista James Coleman descreveu o valor do capital social serve para organizar ou marginalizar grupos, como uma forma de cumprir necessidades na ausência de capital económico. Também nos anos 90 os sociólogos Wellman e Scot Wortley consideraram o capital social como os laços e apoio social (mas os laços são insuficientes para conseguir favores, apoio e informação, como vieram a descobrir estes dois investigadores). Em 2000 Putnam popularizou o conceito de capital social como a medida de coesão social.

O capital social são os recursos individuais que surgem das relações sociais sustentáveis, assim como, a capacidade de uma comunidade desenvolver uma atividade comum. As duas chaves que formam as redes de pessoas são a confiança entre as pessoas e as normas que elas partilham e que encorajam a partilha e dar sem por vezes receber.

Nas comunidades cívicas, os cidadãos estão ligados por relações horizontais de reciprocidade, em vez the relações verticais de autoridade e dependência. Ao contrário o capital financeiro, a confiança aumenta com a utilização. O capital social é um bem público, não é propriedade de nenhum indivíduo que beneficia dele e é muitas vezes criado como um subproduto de outras atividades sociais. A cooperação deve ser reforçada de forma leve (logo gratuita) através de normas, menos formais, mas frequentemente mais poderosas que as leis na regulamentação de espetos sociais. Geralmente as normas são geradas pelo medo de quebrar tabus e pela vergonha (represálias por quebrar leis que não estão escritas). As redes de envolvimento cívico aumentam de valor para os detratores que se arriscam a perder benefícios futuros.

Devemos prestar atenção a quem nos pede atenção, disponibilizar material que pode ser útil a outras pessoas, espalhar o contacto de ligações de confiança diminuindo a probabilidade de proliferação das más. Redes diversificadas, com indivíduos diversos permitem transações mais ricas de conhecimento e capital social. As redes agrupadas são úteis para criar um ambiente de partilha, confiança, no entanto não devem ser as únicas a fazer parte do nosso portfólio pois acaba por criar ilhas.

Tal como existem diferentes tipos de forças nas ligações (forte, fracas e latentes), também existem vários tipos de capital social.

Bonding Social capital –pessoas que partilham o mesmo contexto e investem fortemente nas suas relações. Este tipo de relação aumenta os sentimentos de solidariedade.

Bridging social capital – relações mais fracas entre pessoas, mas que continuam ter mais em comum quecom outras. Este tipo de relação ajuda a sair das suas ilhas e trazer informação e a espalhá-la por novas redes.

Linking social capital – junta pessoas de contextos e interesses distintos, são o tipo de ligações necessários no desenvolvimento do small world networks.

Recordando o que já foi dito, a nossa capacidade de juntar duas redes distintas, de preencher vazios estruturais é uma vantagem competitiva no mundo das redes digitais, ser um broker. Existem também vários níveis de brokers.

1. Transferem informação sobre interesses e dificuldades entre grupos.
2. Ensinam técnicas de uma rede para outra.
3. Conectam redes que aparentemente não tinham nada em comum.
4. Juntam e sintetizam informação de redes aparentemente desconectadas.

Se compararmos as redes geradas pelas sociedades que frequentam as cidades, verificamos que numa cidade de grandes dimensões é possível surgirem relações entre uma maior número de pessoas distintas permitindo níveis mais elevados de inovação, “não é o que conheces mas quem conheces”.

Vários cientistas sociais que o uso do termo capital não deve ser tido como algo unicamente utilitário e que não pode ser unicamente aplicado aos que prosperaram uma vez que são os que estão na base da pirâmide social que mais beneficiam da colaboração das redes digitais. O capital social é uma ferramenta útil mas nunca deve ser a única. Os termos abordados neste artigo servem como lentes para ver de forma mais produtiva e atenta as redes digitais, nem devemos querer caracterizar comunidades e famílias apenas tendo em atenção as redes digitais que estabelecem.

## **Afinar e alimentar a nossa rede pessoal de aprendizagem**

Aprender na rede digital está ligado à cooperação, interatividade, mutualidade e envolvimento social.

No desenvolvimento das PLN (personal learning network) temos que começar por procurar, utilizando palavras-chave, pesquisando blogs, fóruns, colecionando links, wikis. Só depois começamos a ter uma perceção do que nos pode ser útil ou não. A nossa PLN acaba por ser uma curadoria das pessoas com quem queremos aprender e uma rede digital onde aprendemos juntos.

Podemos assim resumir a formação de uma PLN em oito processos:

1. Explorar múltiplos médias – o objetivo é explorar os espaços do nosso interesse.
2. Procurar – usar os termos resultantes da pesquisa anterior para procurar na web blogs e experts.
3. Seguir – dar atenção a indivíduos que partilham o mesmo interesse e quando receber informação verificar o porquê de estarmos a segui-lo, se é útil e vale a pena manter este contacto.
4. Sintonizar – seleccionar cuidadosamente as pessoas que se segue, libertando-nos das pessoas com as quais não vale a pena perder tempo. Dar atenção àqueles que nos ensinam, inspiram ou divertem.
5. Alimentar – fornecer informações aos que nos seguem e àqueles que seguimos e que achamos que lhes pode ser útil.
6. Comprometer-se – ser educado nos pedidos de atenção, comentar nos blogs que segues e que te seguem, agradecer os contactos daqueles que podem ser úteis

para ti e para todos os que seguem a tua rede, fornecer informações que podem ajudar as redes.

7. Inquirir – colocar questões que envolvam as pessoas com quem manténs contacto e que podem ser úteis para os que te seguem.
8. Responder – responder às questões que te são colocadas, demonstra educação e que estás interessado em contribuir no desenvolvimento das redes. Devemos contribuir sempre, mesmo que não haja um benefício imediato ou futuro.

Ao experimentarmos e colaborarmos com os outros até só pela diversão acabamos por criar a nossa PLN e ajudamos a desenvolver as dos outros. Enriquecemos a rede.

## **Encarando os factos do Facebook**

Se soubermos o que estamos fazendo com o Facebook ele pode melhorar o nosso capital social assim como o dos nossos amigos.

A primeira grande controvérsia do Facebook foi a questão da privacidade e como ela pode afetar a nossa vida. Se ele nos pode ser útil devemos ter noção de como o podemos utilizar e até que ponto ele nos pode utilizar a nós.

Quando compomos a nossa biografia devemos ter em atenção aquilo que queremos que os nossos amigos saibam assim como todos aqueles que com eles se relacionam. Para filtrarmos esta informação devemos saber utilizar as definições de privacidade.

Devemos pensar duas vezes antes de utilizar o humor e ironia nos nossos posts ou perfil, uma vez que podem levar a interpretações dúbias.

Explorar e realizar escolhas de forma consciente nos menus e submenus nas definições de privacidade a que temos acesso, e quando aceder ao Facebook no portátil ou smartphone em locais públicos através de wi-fi desligar o https de forma a bloquear o acesso a alguém que nos queira roubar as passwords ou informação pessoal. Ter a noção que tudo o que colocamos online provavelmente nunca vai desaparecer.

O Facebook está carregado de perigos sociais e políticos e a Facebook Inc não está preparada para informar os seus utilizadores destes perigos, por isso é da responsabilidade de cada um ser consciente na utilização desta rede.

Desativar a conta do Facebook quando estamos ausentes é uma forma de impedir que coloquem mensagens no nosso mural, pesquisem a nossa informação ou nos contactem. A nossa consciência sobre os limites e normas dos amigos, redes digitais e grupos aumenta o nosso controlo social, no entanto devemos ter consciência que esse controlo é limitado e pode ser alterado a qualquer momento.

Quatro propriedades únicas das redes digitais públicas que levam a três mudanças de dinâmica:

1. Propriedades das redes digitais públicas
2. Persistência – o que dizes permanece
3. Replicabilidade – é possível copiar/colar de um local para o outro.
4. Escalabilidade – só porque algo é tornado público não quer dizer que vai ser lido por todos.

Estas quatro propriedades dão forma a três dinâmicas diferentes.

1. Audiência invisível – nem sempre conseguimos ter a noção de quem está do outro lado e como vai ou se consegue interpretar o assunto que estou a apresentar.

2. Colisões de contexto – a audiência que está do outro lado não tem necessariamente o mesmo background, vêm muitas vezes de contextos sociais muito diferentes, temos que ter cuidado com o choque cultural que se pode formar.
3. Convergência do privado e público – o espaço público e privado nas redes digitais não tem uma fronteira física, cabe-nos a nós controlar esse espaço dominando as ferramentas que utilizamos.

Estas dinâmicas têm significado social e implicações culturais, alteram radicalmente a forma como as pessoas apresentam a sua identidade aos que as rodeiam. Introduzem novas estruturas nas interações sociais. Complicam a dinâmica do poder e liberdade. No entanto aprender a navegar nestes espaços permite aprender a navegar num mundo complexo que está em constante mudança. Enquanto os adultos entram em pânico os adolescentes têm aprendido e desenvolvido mecanismos de defesa.

O pensamento de que o nosso comportamento social é visto por apenas um punhado de pessoas tem que mudar, tudo aquilo que fazemos online pode ser testemunhado por populações que desconhecemos. Com o a partilha de vídeos, smart-phones e as camaras de vigilância preenchendo os vazios temos que ter consciência que tudo o que fazemos de forma privada se pode tornar público de um momento para o outro. Ao disponibilizarmos informação a alguém estamos a disponibilizar essa informação a toda a sua rede.

O Facebook tem um historial de alterar as suas regras de privacidade e algoritmos frequentemente, e normalmente não nos informa como essas alterações podem mudar a nossa vida social. O mundo digital pode ser útil e perigoso principalmente porque nenhum de nós o pode controlar, fazemos escolhas a todo o momento, necessitamos de estar alerta para as consequências pessoais das nossas decisões e como podem influenciar as nossas redes digitais.

**Bibliografia:**

Rheingold, H. (2012) Net Smart: How to Thrive Online. MIT Press.

## **ANEXO D**

## Endereços electrónicos para os artigos 1415

Grupo 1	<a href="http://antonionamoradocosta.pbworks.com/w/page/92349756/ARTIGO_PCO_ATE_N%C3%87%C3%83O">http://antonionamoradocosta.pbworks.com/w/page/92349756/ARTIGO_PCO_ATE_N%C3%87%C3%83O</a>
Grupo 2	<a href="http://secure.pbworks.com/error/wiki?wiki=grupo2mpelpesqinf">http://secure.pbworks.com/error/wiki?wiki=grupo2mpelpesqinf</a>
Grupo 3	<a href="http://culturaparticipatoriag3.pbworks.com/w/file/fetch/93109329/Cultura%20Participato%CC%81ria.pdf">http://culturaparticipatoriag3.pbworks.com/w/file/fetch/93109329/Cultura%20Participato%CC%81ria.pdf</a>
Grupo 4	<a href="http://inteligencia coletiva2014.pbworks.com/w/page/92055660/10-%20Artigo%20sobre%20Intelig%C3%Aancia%20Coletiva">http://inteligencia coletiva2014.pbworks.com/w/page/92055660/10-%20Artigo%20sobre%20Intelig%C3%Aancia%20Coletiva</a>
Grupo 5	<a href="http://www.slideshare.net/anaftoscano/g5-mpel8-aimportanciaredesvf-44368054">http://www.slideshare.net/anaftoscano/g5-mpel8-aimportanciaredesvf-44368054</a>

## **ANEXO E**

Fotos página nº1 wiki 1314 e 1415

Gr1 1314 wiki foto p1



Este recurso foi criado no sequência de uma atividade do Mestrado em Pedagogia do E-Learning, da Universidade Aberta, na Unidade Curricular de **Psicologia da Comunicação Online**, orientada pelo **Professor António Quintas-Mendes**.

Para a sua elaboração trabalharam colaborativamente as seguintes alunas:

- [Redacted]
- [Redacted]

A atividade baseia-se na análise de um capítulo da obra **NET SMART** de Rheingold, que iremos começar com a apresentação do autor e de sua linha de investigação e análise.

Gr1 1415 wiki foto p1



**A Atenção.**

O fluxo da consciência, a multitarefa, a leitura e a navegação online.



[Fonte: <http://aiesec.blog.br/ser-multitarefa-e-um-mi-to/>]

Este trabalho está integrado numa das atividades da disciplina de Psicologia da Comunicação Online e baseia-se numa produção dos grupos por temas acerca do livro NetSmart, do autor Howard Rheingold. Para tal o grupo obteve acesso, por meio dos professores..., aos trabalhos dos grupos do ano letivo anterior, a referir, o artigo e Wiki sobre a Atenção (capítulo 1).

O grupo: / [Redacted]



O trabalho A Atenção de [Redacted] está licenciado com uma Licença [Creative Commons - Atribuição-NãoComercial-Compartilha Igual 4.0 Internacional](https://creativecommons.org/licenses/by-nc-sa/4.0/).



## Gr3 1314 wiki foto p1

Início

Participação na Rede e  
**Cultura Participatória**  
Análise do capítulo 3 "Participation Power"  
do livro [Net Smart](#) de [Howard Rheingold](#)



Wiki criada como espaço académico para aprendizagem formativa  
no âmbito da Unidade Curricular de Psicologia da Comunicação Online  
do Mestrado em Pedagogia do e-Learning da Universidade Aberta - Portugal

-----

Esta wiki é como um espelho de uma atitude de cultura participatória. Encontra-se aberta a todos os visitantes, de forma a poder ser construída em comunidade. A cultura participatória, na prática, também é a intervenção que fazemos na web e o conhecimento que partilhamos e construímos na rede. Uma wiki é uma forma de construir o conhecimento com a intenção de ser partilhado, pesquisado, reutilizado e reconstruído. Esta wiki é a nossa contribuição para uma utilização da web de uma forma mais consciente, colaborativa e cooperativa.


Wiki by [Grupo 3 \[PCQ\]](#) is licensed under a [Creative Commons Atribuição-Use Não-Comercial 4.0 Internacional License](#).  
Based on a work at [www.rheingold.com/books/net-smart](http://www.rheingold.com/books/net-smart)

## Gr3 1415 wiki foto p1

Aberta  
mpel  
e-learning  
Psicologia da Comunicação Online

A Atenção.

O fluxo da consciência, a multitarefa, a leitura e a navegação online.



[Fonte: <http://aiesec.blog.br/ser-multitarefa-e-um-mi-to/>]

Este trabalho está integrado numa das atividades da disciplina de Psicologia da Comunicação Online e baseia-se numa produção dos grupos por temas acerca do livro NetSmart, do autor Howard Rheingold. Para tal o grupo obteve acesso, por meio dos professores..., aos trabalhos dos grupos do ano letivo anterior, a referir, o artigo e Wiki sobre a Atenção (capítulo 1).

O grupo: /

O trabalho A Atenção de / está licenciado com uma Licença [Creative Commons - Atribuição-NãoComercial-Compartilha Igual 4.0 Internacional](#).



## Gr5 1314 wiki foto p1

### Introdução

Edit 0 4 ...

#### Net Smart - How to drive online capítulo 5

As redes sociais agem de forma interactiva e nunca isolada

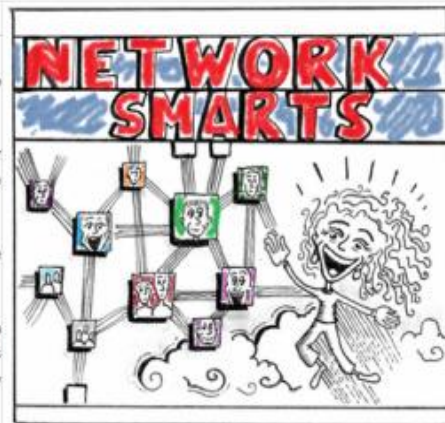
As habilidades que este livro ensina e a prática de inteligência colectiva, estão profundamente interligadas com as redes humanas e tecnológicas.

Nós vivemos num mundo dominado por redes e só agora começamos a perceber como as redes nos afectam. Até as nossas células cerebrais estão interligadas e agem como as redes sociais.

As redes têm estrutura e as estruturas influenciam a forma como os indivíduos e as redes se comportam. Um único indivíduo, pode criar muitas conexões.

A nossa vida social, a nossa alimentação e comportamento pode ser influenciado 1/3 através de pessoas que não as conhecemos, mas que são amigos dos amigos dos nossos amigos nas redes sociais da mesma forma que pessoas que se conhecem directamente.

Os grupos sociais se formam em torno de pessoas que querem vender algo, que partilham os mesmos interesses.



## Gr5 1415 wiki foto p1



### Mestrado em Pedagogia do Elearning

UC 12088 - Psicologia da Comunicação OnLine

2014/2015

#### "O Indivíduo Conectado, as Redes Sociais e o Capital Social"

[Aceda aqui à apresentação PPT](#)

[Aceda aqui ao artigo no SlideShare](#)

**Docentes:** António Quintas Mendes | Elena Maria Mallmann

**Mestrandos:** \_\_\_\_\_

Esta Wiki é uma readaptação e reutilização e é realizado a partir da Wiki dos mestrandos do curso de Mestrado em Pedagogia do eLearning – 7ª Edição da Universidade Aberta, \_\_\_\_\_, da mesma unidade curricular, junto do docente responsável Professor Doutor António Quintas Mendes e da colaboração da investigadora Professora Doutora Edméa Santos.






O Indivíduo Conectado, as Redes Sociais e o Capital Social by [Amélia Mungoi](#), [Ana Toscano](#), [Aparecida Torres e Renata Duarte](#) is licensed under a [Creative Commons Atribuição](#)




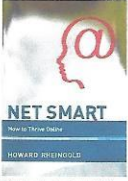
## **ANEXO F**

## Fotos das primeiras páginas dos artigos 1314 e 1415

### Artigos grupo 1

gr1 artigo 1314 1ª página	gr1 artigo 1415 1ª página
<p>Capítulo 1 - Atenção e Multitarefa na Rede</p> <p>Parte I – Análise Psicológica</p> <p>Ideia de partida do autor no capítulo</p> <p>Rheingold encontra em Maryanne Wolf, Proust e Polvo (2007) o ponto de partida do capítulo. Estes afirmam que o cérebro tem inúmeras capacidades que se ajustam às necessidades impostas pela era digital, nomeadamente a capacidade de integração de informação e a capacidade de trabalhar de modo multifuncional e multimodal.</p> <p><b>Tornar a Atenção Consciente – uma experiência com os alunos</b></p> <p>Recorrendo-se do contexto de sala de aula, Rheingold pediu aos seus alunos que desligassem os computadores e os telemóveis e fechassem os olhos e, neste cenário, pediu-lhes que verificassem como a sua atenção era dirigida para diferentes pensamentos, sem qualquer esforço, ou seja, sem haver a necessidade de qualquer estímulo externo.</p> <p>“Note how you don’t have to work to make your mind wander. It does that all on its own” (Rheingold, p.36).</p> <p>Em 2005, quando o Facebook se difundiu na maioria das universidades, os alunos passaram a fixar a sua atenção nos computadores, mesmo em sala de aula. Surpreso com esta mudança autor observou alguns alunos para tentar compreender o que estes faziam nos seus computadores, filmou-os e chegou mesmo a questioná-los diretamente. Neste sentido, verificou que a atenção dos alunos mudou e ultrapassou os limites físicos das universidades. As pessoas passaram a ficar constantemente disponíveis, assim como a informação, através nos novos meios de comunicação, e apenas algumas conseguem utilizar de forma ubíqua e produtiva essa informação.</p> <p>“All people and media are available all time, and in all places, but relatively few people appear to use ubiquitous informational access and social connectivity politely and productively.” (p.36)</p> <p>Consciente que não iria mudar os hábitos dos seus alunos em apenas um semestre o autor procurou transmitir-lhe a seguinte ideia: “You can learn to be aware of how you shift your attention when your phone buzzes or your laptop screen beckons” (p.36). Antes de qualquer outra ação o autor considera que os alunos devem ter consciência que a utilização das novas tecnologias interfere na sua atenção a desviando.</p> <p>Dando continuidade à experiência com os seus alunos, em cada semana introduziu uma nova prova de atenção, reforçando sempre que o objetivo era conseguir que cada um prestasse atenção à maneira como presta a sua atenção. Chegou mesmo a filmar a sala de aula, tendo obtido um registo que o deixou bastante curioso. Sabia que os alunos durante as aulas navegavam na internet mas a questão principal não era essa. Na realidade, ficou surpreso com a facilidade com que um dos seus alunos, um dos mais atentos, visitou o seu site pessoal e consultou o seu e-mail, aplicando tarefas cognitivas. E tinha a certeza que se naquele momento lhe tivesse colocado</p>	 <p>Psicologia da Comunicação Online</p> <p>A Atenção.</p> <p>O fluxo da consciência, a multitarefa, a leitura e a navegação online.</p>  <p>Docente: António Quintas Mendes e Elena Maria Mallmann</p> <p>Readaptada por: [Redacted] (MPEL 2014/2015)</p> <p>Trabalho originalmente realizado por: [Redacted] (MPEL 2013-2014)</p> <p>Junho e Setembro de 2015</p>  <p>Artigo PCC by [Redacted] is licensed under a Creative Commons Atribuição-Livre Não-Comercial-Partilha nos termos da mesma licença 4.0 Internacional License. 1</p>

Artigos grupo 2

Gr2 artigo 1314 1ª página	Gr2 artigo 1415 1ª página
 <p>UNIVERSIDADE ABERTA</p> <p>Mestrado em Pedagogia do Elearning, 7ª Edição</p> <p>UC 12088 - PSICOLOGIA DA COMUNICAÇÃO ONLINE</p> <p>A PESQUISA DA INFORMAÇÃO</p> <p>Docente Responsável: Professor Doutor António Quintas Mendes</p> <p>Colaboração especial da investigadora: Professora Doutora Edméa Santos</p> <p>Grupo 2: _____</p> <p>31 de janeiro 2014</p>	  <p>UC 12088 - PSICOLOGIA DA COMUNICAÇÃO ONLINE - 2014/2015</p> <p>ARTIGO: "A PESQUISA DA INFORMAÇÃO – CRAP DETECTION"</p>  <p>Docentes: António Quintas Mendes   Elena Maria Mallmann</p> <p>Mestrandos: _____</p> <p>Janeiro/Fevereiro 2015</p> <p>Este artigo é uma readaptação e reutilização e é realizado a partir do artigo dos mestrandos do curso de Mestrado em Pedagogia do eLearning – 7ª Edição da Universidade Aberta, _____ da mesma unidade curricular, junto do docente responsável Professor Doutor António Quintas Mendes e da colaboração da investigadora Professora Doutora Edméa Santos.</p> <p>Página 1 de 9</p> <p>A PESQUISA DA INFORMAÇÃO - CRAP DETECTION by _____ is licensed under a Creative Commons Attribution-NonCommercial 4.0 International License.</p>





Artigos grupo 3

Gr3 artigo 1314 1ª página	Gr3 artigo 1415 1ª página
<div data-bbox="300 862 730 913"> </div> <div data-bbox="331 972 699 1041"> <p><b>Participação na Rede e Cultura Participatória</b> Análise do capítulo 3 "Participation Power" do livro <i>Net Smart</i> de Howard Rheingold</p> </div> <div data-bbox="320 1057 708 1296"> </div> <div data-bbox="397 1321 628 1344"> <p>Wiki: <a href="http://www.pco-grupo3.wikispaces.com">www.pco-grupo3.wikispaces.com</a></p> </div> <div data-bbox="298 1386 529 1420"> <p>PSICOLOGIA DA COMUNICAÇÃO ONLINE Docentes: António Quintas / Edméa Santos</p> </div> <div data-bbox="298 1431 533 1482"> <p>Grupo 3: <span style="background-color: #cccccc; padding: 2px 10px;">[Redacted]</span></p> </div> <div data-bbox="333 1520 691 1538"> <p>(Trabalho realizado a partir do conteúdo da Wiki - <a href="http://www.pco-grupo3.wikispaces.com">www.pco-grupo3.wikispaces.com</a>)</p> </div> <div data-bbox="541 1550 691 1576"> <p>Cultura Participatória: Grupo 3 Psicologia da Comunicação Online   1</p> </div>	<div data-bbox="920 896 1294 947"> </div> <div data-bbox="1026 965 1160 981"> <p>CULTURA PARTICIPATÓRIA</p> </div> <div data-bbox="880 992 1308 1068"> <p><b>Resumo:</b> Releitura e recriação do artigo realizado pelos mestrandos da edição 7 de Pedagogia do E-learning da UAb de Portugal, o trabalho em pauta retrata o capítulo 3 do livro <i>Net Smart</i> de Howard Rheingold, de 2012. Subdividido por tópicos, <i>Participation Power</i> trata um diagnóstico da realidade estruturada pelas inovações tecnológicas e o papel do indivíduo no ambiente estruturado em sistemas de redes para, alcançar os melhores frutos e poder que a rede oferece digital. O poder da participação, camaraderie, playbor, profiles e twitter são os elementos abordados de forma reflexiva a fim de empoderar a discussão e recriação do saber em pauta.</p> </div> <div data-bbox="880 1064 1139 1079"> <p><b>Palavras-chave:</b> Participation Power, Redes Sociais, Literacia Digital.</p> </div> <div data-bbox="880 1084 1308 1151"> <p><b>Abstract:</b> Reinterpretation and recreation of the article written by masters of the 7th edition of E-learning Pedagogy UAb of Portugal, the work in question depicts the Chapter 3 of the book <i>Net Smart</i> written by Howard Rheingold, 2012. Subdivided by theme, <i>Participation Power</i> brings a diagnosis the reality structured by technological innovations and the individual's role in the structured environment in network system to work optimally power the new digital dynamic content. The power of participation, camaraderie, playbor, profiles and twitter are the elements addressed reflectively in order to enrich the discussion and recreation of knowledge on the agenda.</p> </div> <div data-bbox="880 1155 1123 1169"> <p><b>Keywords:</b> Participation Power, Social Network, Digital Literacy</p> </div> <div data-bbox="880 1187 936 1202"> <p><b>Introdução</b></p> </div> <div data-bbox="880 1209 1085 1326"> <p>Ao observar a esfera sociopolítica e o poder de participação do indivíduo enquanto cidadão agente de mudanças, a década vigente em retrospectiva nos sinaliza patamares outrora inimagináveis, que impulsionada pela revolução digital teve na sua base jovens empreendedores e desenvolver ferramentas (como Twitter e Facebook) que possibilitaram a intervenção em tempo real nos atos e fatos da sociedade, originando a denominada cultura digital.</p> </div> <div data-bbox="880 1321 1085 1482"> <p>A evolução sociotecnológica propiciou aos indivíduos estarem "virtualmente juntos" para partilha de histórias, ideias e realizações, podendo ampliar e agregar o teor ativista a uma situação que na realidade anterior (comunicação analógica) as informações não transitavam para o alcance de todos. Esta inclusão individual na recepção, tratamento, replicação de ideias e conhecimentos coloca o indivíduo como ator fundamental na sociedade digital, outorgando um empoderamento que passa a valorizar a capacidade para intervir desde o seu meio e que vai incidir no extravasamento dos limites espaciais e temporais.</p> </div> <div data-bbox="1102 1187 1308 1326"> <p>Rheingold (2012) escreve "In the world of digitally networked publics, online participation - if you know how to do it - can translate into real power. Participation, however, is a kind of power that only works if you share it with others" (p.119). Este "know how to do it" equivale a literacia digital actual, com a consciência de que sua participação ativa nas redes digitais ajuda a construir uma sociedade mais democrática, participativa e culturalmente diversificada, para além dos vantagens individuais e profissionais.</p> </div> <div data-bbox="1102 1321 1308 1435"> <p>Assim, partindo do referido autor, remetida pelos mestrandos Ana Vasconcelos, Hercúlio Rebelião e João Pinto (2014), doravante nomeados MpeI7, retrabalharemos em sentido analítico os textos replicados e que nos instigam a privilegiar sua reutilização. O trabalho está dividido por subtemas, sendo que em alguns argumentos poderão repetir-se, dado que o teor do assunto nos leva encontrarmo-nos nos diferentes elementos abordados.</p> </div> <div data-bbox="1102 1433 1308 1494"> <p>Cabe registar que a essência do conteúdo contém com distintos subtemas e realidades culturais dos mais variados, que com formações académicas distintas, transitam dos continentes Europeu ao Sulamericano, com</p> </div> <div data-bbox="880 1496 1308 1552"> <p><small>Participation Power de Howard Rheingold (2012) disponível em: <a href="http://www.pco-grupo3.wikispaces.com">www.pco-grupo3.wikispaces.com</a>    © 2014. Cultura Participatória de <a href="http://www.pco-grupo3.wikispaces.com">www.pco-grupo3.wikispaces.com</a> sob uma Licença Creative Commons. Atribuição-Non-Comercial 4.0 International. Trabalho no domínio público disponível em: <a href="http://pco-grupo3.wikispaces.com/PSICO/COM/AB/PSICO">http://pco-grupo3.wikispaces.com/PSICO/COM/AB/PSICO</a>.    Podem estar disponíveis as alterações adicionadas ao conteúdo no domínio Aberto Europeu em: <a href="http://libros.fundacion.com">http://libros.fundacion.com</a></small></p> </div>

## Artigos grupo 4

Gr4 artigo 1314 1ª página	Gr4 artigo 1415 1ª página
<div data-bbox="304 817 438 898"> </div> <div data-bbox="443 824 625 904"> <p>INTELIGÊNCIA COLETIVA Net Smart – Howard Rheingold</p> <p>GRUPO 4:</p> </div> <div data-bbox="641 824 711 898"> </div> <p data-bbox="430 931 580 954"><b>Inteligência Coletiva</b></p> <p data-bbox="304 963 708 1016">O Homem ao afastar-se da autossuficiência e ao envolver-se em processos colaborativos ampliou a chance de sucesso e tornou-se especialista nas tarefas a desempenhar. Esta articulação pode ser representada pela equação “cooperação + especialista= inovação”.</p> <p data-bbox="304 1014 708 1041">Ao desenvolver capacidades especializadas o homem valorou o seu produto, através da articulação de potencialidades conjuntas.</p> <p data-bbox="304 1039 708 1317">No percurso evolucionista humano, o Homem deparou-se com um conjunto de limitações: para além de pequenos, os homínidos eram lentos e desprovidos de garras, pressas, ou mesmo asas num ambiente hostil onde a lei do mais forte predomina. De modo a superar estas dificuldades, os homínidos utilizaram a sua capacidade cerebral de processamento de informação e as apteclacias sociais de modo a sobreviver. Podemos então afirmar que o ser humano, devido às condições em que evoluiu, tem uma aptidão inata para a colaboração (instinto social) com seres da sua espécie, facilitando a sua adaptação ao ambiente em que vive. Graças à sua superior capacidade craniana (demonstrativa de um cérebro maior) e ao seu raciocínio, o Homem desenvolveu uma cultura, que o autor define como “<i>comunicação simbólica, aprendizagem por imitação (que requer prestar atenção aos outros), e metodologias cooperativas como a dança e o ritual</i>” (Rheingold,2012, p. 151) o que o distinguiu de todas as outras espécies. As funções cerebrais humanas são as mais complexas do reino animal, estando vocacionadas para processar informação social: o reconhecimento facial, distinção entre certo e errado e o confiável e desconfiável. A socialização humana saiu ainda mais fortalecida com o aparecimento da linguagem pois agilizou a homogenização de comportamentos e atitudes. “<i>O conjunto de invenções sociais e culturais humanas auto compôs o sistema de comunicação-cooperação-inovação que nos impeliu da savana ao topo civilizacional, incluindo punição, linguagem, tecnologia, inteligência individual e inovação, criação de acordos recíprocos, sistemas de prestígio, e soluções de coordenação.</i>” (idem, p.151).</p> <p data-bbox="304 1314 708 1406">Ainda que o instinto biológico da socialização evoluiu genericamente durante milhões de anos, o autor (Rheingold,2012,p.150) salienta que a evolução das competências de cooperação esteve subjacente ao desenvolvimento do sistema simbólico, que possibilitou a organização do indivíduo e do grupo em torno de dinâmicas socioculturais, através da criação de instituições. Estas instituições (como a cultura) aceleraram a transmutação da cooperação humana do nível biológico para o cultural (Rheingold,2012,p.151).</p> <p data-bbox="304 1404 708 1473">O aparecimento de uma comunicação elaborada permitiu ao Homem organizar ações coletivas, dando-lhe a capacidade de construir civilizações. Nesta perspectiva, Rheingold(2012) define o Homem como “supercooperador”, o que se pode traduzir em constantes inovações que visam melhorar as capacidades humanas, por outras palavras, a cooperação e a inovação mantêm uma relação simbiótica na evolução humana.</p>	<div data-bbox="880 824 967 882"> </div> <div data-bbox="880 846 967 882"> </div> <p data-bbox="922 898 1235 920"><b>PSICOLOGIA DA EDUCAÇÃO ONLINE</b></p> <p data-bbox="906 958 1251 976"><b>Docentes: Antonio Quintas Mendes e Elena Maria Mallmann</b></p> <p data-bbox="989 1014 1171 1032"><b>Artigo: Inteligência Coletiva</b></p> <div data-bbox="979 1066 1171 1173"> </div> <p data-bbox="948 1187 1219 1200">Fonte: <a href="https://repositorio.cebrasu.edu/files/warabooks.com/2014/03/Smart1.jpg">https://repositorio.cebrasu.edu/files/warabooks.com/2014/03/Smart1.jpg</a></p> <p data-bbox="1037 1238 1123 1256"><b>Mestrandos:</b></p> <div data-bbox="963 1290 1203 1370"> </div> <p data-bbox="1034 1433 1133 1451"><b>Fevereiro 2015</b></p>
	<p data-bbox="804 1536 1088 1568"><b>Última página do artigo</b></p> <div data-bbox="810 1568 932 1608"> </div> <p data-bbox="813 1612 1302 1630"><a href="https://creativecommons.org/licenses/by-nc/4.0/">Creative Commons Atribuição-Uso Não-Comercial 4.0 Internacional License</a></p>

## Artigos grupo 5

Gr5 artigo 1314 1ª página	Gr5 artigo 1415 1ª página
<p data-bbox="284 909 767 943"><b>Grupo 5: O Indivíduo Conectado. Redes Sociais e Capital Social</b></p> <p data-bbox="587 913 767 943"></p> <p data-bbox="296 960 432 978"><b>A importância das redes</b></p> <p data-bbox="284 981 743 1014">A sociedade... O todo toma-se maior que as partes. O conjunto de seres humanos tem propriedades que não existem individualmente e que permitem produzir coisas que uns não seria possível.</p> <p data-bbox="284 1014 743 1043">Já aconteceu de certeza conhecer um estranho numa festa e acabar por descobrir que é amigo de um antigo amigo de escola ou colega de futebol de um colega do trabalho.</p> <p data-bbox="284 1046 743 1126">Em 1967 o psicólogo social Stanley Milgram demonstrou que a expressão "é um mundo pequeno" não é apenas um cliché. Milgram escolheu 300 indivíduos no Omaha e Wichita e cada um tinha que tentar fazer chegar uma carta sabendo apenas o nome do destinatário e a indicação da cidade Boston. Os indivíduos tinham que tentar fazer chegar a carta enviando-a para a pessoa que pensavam estar mais próxima do destinatário, cada pessoa da cadeia tinha que escrever o seu nome no envelope. Parecia uma tarefa impossível. 64 cartas chegaram ao destinatário e tinham passado em média por 5,5 pessoas.</p> <p data-bbox="284 1128 743 1158">O número seis é apenas um exemplo, mas a verdade é que as cadeias de relação têm sempre um número pequeno. É o chamado fenómeno do pequeno mundo.</p> <p data-bbox="284 1160 743 1216">Vários investigadores abordaram o tema e deram valiosos contributos como Watts e Strogatz que estudaram o comprimento das ligações. Lado comparou as redes sociais com as redes metabólicas, redes de colaboração científica e as redes ecológicas. Leskovec e Horvitz estudaram a rede de comunicações digital Microsoft chegando a um resultado aproximado do de Milgram 6.6.</p> <p data-bbox="284 1218 743 1256">A partir do momento em que passou a existir o cidadão digital as ligações das redes encurtaram. Cada um dos cidadãos digitais tornou-se um nó da comunicação digital. Nós com poucas ligações e supernos com milhões de ligações.</p> <p data-bbox="284 1258 743 1323">Vamos imaginar um círculo com vários nós, ligando-os intercaladamente, formamos uma rede muito agregada de ligações onde a comunicação entre alguns indivíduos ainda tem que percorrer ligações extensas, bastando-nos criar ligações aleatórias entre os membros para transformar a rede numa small-world network, permitindo que os indivíduos comuniquem com nós mais distantes percorrendo um caminho mais curto na rede.</p> <p data-bbox="284 1326 743 1370">Desenhemos uma nova rede. Os nós que existem em maior número beneficiam com o aumento da acessibilidade a outros nós que não se encontram na sua vizinhança, aumentando a sua capacidade de troca de informação na rede.</p> <p data-bbox="284 1373 743 1404">Os supernos, que existem em menor quantidade, têm um número de links muito superior aos dos nós mais comuns, gerando um maior volume de tráfego de informação.</p> <p data-bbox="284 1406 743 1435">Por fim surgem também nós cujo valor é conseguir conectar redes distintas e que de outra forma não iriam interagir.</p> <p data-bbox="284 1438 743 1464">Podemos então verificar que a internet está interconectada por um grande número de nós de baixo grau e poucos supernos.</p> <p data-bbox="284 1467 743 1512">Num gráfico de distribuição normal verificamos que existe um número médio de nós com um número médio de links. Como quando medimos os membros de uma turma, a maioria estará nos valores médios de altura.</p> <p data-bbox="284 1514 743 1543">Na distribuição do poder verificamos que o menor número de nós é o detentor do maior número de links, logo maior tráfego implica maior poder.</p> <p data-bbox="296 1545 663 1563">A liberdade que cada nó tem na rede para se conectar com outros nós influencia a rede.</p> <p data-bbox="296 1565 488 1581">Quem tem poder para comunicar com quem?</p> <p data-bbox="309 1599 325 1617">1  </p>	<p data-bbox="890 1016 1007 1133"></p> <p data-bbox="1082 1032 1278 1099"></p> <p data-bbox="963 1200 1219 1218"><b>REDES SOCIAIS E CAPITAL SOCIAL</b></p> <p data-bbox="1046 1252 1134 1267">Unidade Curricular</p> <p data-bbox="1011 1274 1174 1290">Psicologia da Comunicação Online</p> <p data-bbox="1066 1323 1118 1339">2014/2015</p> <p data-bbox="959 1391 1225 1406">Docentes: António Quintas Mendes   Elena Maria Mallmann</p> <p data-bbox="916 1413 1270 1429">Mestrandos: _____</p> <p data-bbox="871 1592 1294 1626"></p>

